

Agências poéticas:

Cultura de rua e
resistência na cena SLAM



Vicente de Paulo Sousa (Org.)

SER
TÃO
CULT

Vicente de
Paulo Sousa
é Cientista

Social e Mestre em Geografia Cultural pela Universidade Estadual Vale do Acaraú-UEVA. Atualmente é membro do Coletivo Fora da Métrica, que organiza o Slam da Quentura e o Slam CE. Pesquisador da cena cultural de rua, mais precisamente as Batalhas de Rap e os Slams da cidade de Sobral. Videomaker, registra imagens e afetos poéticos da cultura das periferias. Um dos organizadores do livro *A poesia falada invade a cena em Sobral: poetry slam no interior do Ceará*, lançado em 2019, pelas editoras Desalinho / Ganesha Cartonera.



Agências Poéticas:

Cultura de rua e
resistência na cena SLAM



Sobral/CE
2020

Vicente de Paulo Sousa (Org.)



Agências poéticas: Cultura de rua e resistência na cena SLAM
© 2020 copyright by Vicente de Paulo Sousa (Org.).
Impresso no Brasil/Printed in Brasil



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1138
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222
contato@editorasertaoicult.com
sertaoicult@gmail.com
www.editorasertaoicult.com

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Diagramação

Kelvin D'Ávila

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Capa

Diego Clementino. @Illustrady



SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



S725a

Agências poéticas: cultura de rua e resistência na cena SLAM [recurso eletrônico] / Vicente de Paulo Sousa (Org.). – Sobral - CE : Sertão Cult, 2020.

182 p. ; il. color.

DOI: 10.35260/87429359-2020

ISBN: 978-65-87429-35-9

1. Literatura brasileira – Ceará. 2. Poesia – Ceará. 3. Cultura popular. 4. Diversidade cultural. I. Sousa, Vicente de Paulo. II. Título.

CDD 869.91

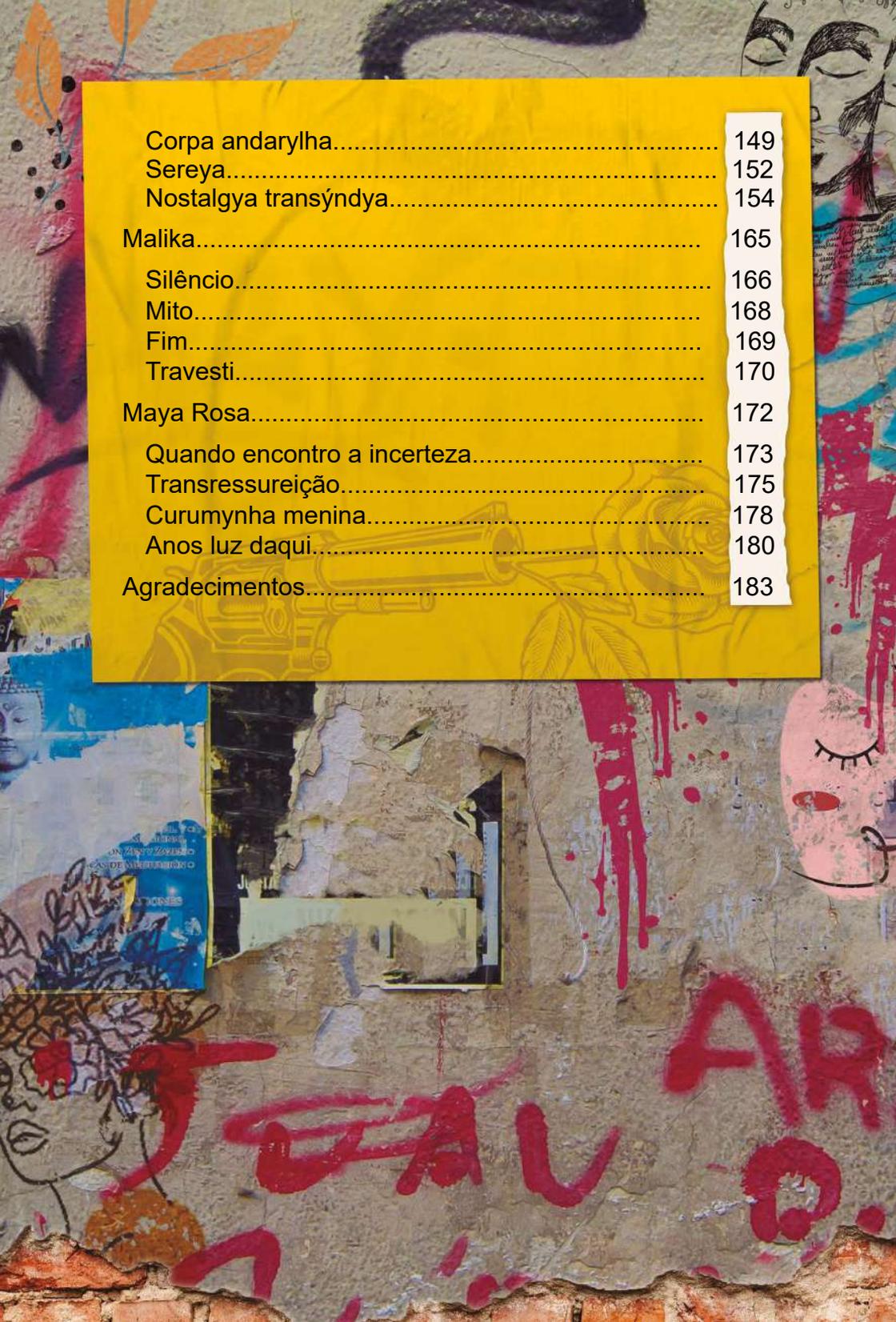


Este e-book está licenciado por Creative Commons
Atribuição-Não-Comercial-Sem Derivadas 4.0 Internacional

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| Apresentação..... | 8 |
| Adílio Kevin (AK)..... | 14 |
| Revolution..... | 15 |
| AK Trovão..... | 18 |
| Nova era..... | 20 |
| Última parada..... | 23 |
| Mc Barnabé..... | 26 |
| Meu Nordeste..... | 27 |
| Princesinha vitória..... | 29 |
| Sobral poesia..... | 30 |
| Rafael Farias (Vetin)..... | 32 |
| Carta ao cidadão de Bem..... | 33 |
| Por que escreves cria?..... | 36 |
| Sócrates ouviu o cria..... | 37 |
| A teoria da poesia de malandragem para Einstein..... | 40 |
| Débora Caroline..... | 43 |
| Salve o Brasil..... | 44 |
| Quanto vale a vida preta?..... | 46 |
| A mulher..... | 49 |
| Ela só quer gritar..... | 51 |
| Marcela Sena..... | 53 |
| Sou privilegiada..... | 54 |
| Não recomendado a sociedade..... | 58 |
| Justiça..... | 61 |
| Ancestralidade..... | 64 |
| Virgínia Oliveira..... | 67 |
| Sertão..... | 68 |
| Morte permanente..... | 72 |
| Mulherão da B..... | 76 |
| Sou..... | 78 |

| | |
|--|-----|
| Claudiana Pereira..... | 80 |
| A loucura ilegível de ser eu..... | 81 |
| O poema está nos olhos de quem lê..... | 84 |
| Mente confusa de uma geração em colapso..... | 86 |
| Qual é a faca que te corta?..... | 88 |
| Vick Carvalho..... | 91 |
| Fogo nos racistas!..... | 92 |
| Matriarcado..... | 94 |
| Grito Marginal..... | 96 |
| Filha de Áries..... | 99 |
| Rêh..... | 101 |
| A poesia do artista..... | 102 |
| Pro macho escroto..... | 104 |
| Cortes da vida real..... | 105 |
| Rômulo Pahaliah..... | 107 |
| Isso não é uma poesia..... | 108 |
| Pai viado e mãe solo..... | 110 |
| Aquela terra..... | 111 |
| Boi da cara branca..... | 113 |
| Guetho..... | 115 |
| Cegaram o olho de hórus..... | 116 |
| Coração dos meus irmãos..... | 118 |
| Visão do futuro..... | 120 |
| Máquina do tempo..... | 122 |
| Thay Gadelha..... | 124 |
| Resistir pra existir..... | 125 |
| No final só o amor é a única revolução verdadeira..... | 127 |
| Às bruxas tão voltando..... | 129 |
| Josh..... | 131 |
| Irão me ouvir ou me odiar?..... | 132 |
| É o fim dos tempos!..... | 137 |
| Akwa Ra Mon..... | 141 |
| Ebryedade terrena..... | 142 |



| | |
|----------------------------------|-----|
| Corpa andarylha..... | 149 |
| Sereya..... | 152 |
| Nostalgya transýndya..... | 154 |
| Malika..... | 165 |
| Silêncio..... | 166 |
| Mito..... | 168 |
| Fim..... | 169 |
| Travesti..... | 170 |
| Maya Rosa..... | 172 |
| Quando encontro a incerteza..... | 173 |
| Transressureição..... | 175 |
| Curumynha menina..... | 178 |
| Anos luz daqui..... | 180 |
| Agradecimentos..... | 183 |

APRESENTAÇÃO

Geralmente quando falamos em poesia, logo nos vem à mente a ideia de uma literatura erudita, acadêmica, culta e harmônica. Mas a literatura ‘marginal’ [como é corriqueiramente conhecida no meio dos poetas/slammers, ou literatura menor, como denominam Deleuze e Guattari, e esses autores não utilizam esse termo para subestimar esse estilo, mas para contrapor o estilo mais erudito], rompe com esse paradigma mais clássico, indo além das barreiras de uma linguagem abstrata, romântica e leve; esse estilo poético traz nos seus versos uma linguagem mais próxima das realidades dos poetas/slammers. Ela é política, como enfatizam Deleuze e Guattari.

Em Sobral, existem três coletivos que organizam essas edições poéticas em alguns locais públicos. São momentos de muito esbanjar de talentos, quando diversos artistas declamam seus versos de denúncia social, orgulho de si e manifestação de afetos entre seus pares.

A cena poética nos slams é formada por pessoas que se identificam com cada verso recitado, seja quando gritam denunciando a homotransfobia, homofobia, lesbofobia, o feminicídio e a violência contra pretos e periféricos. Os artistas dessa arte são muitos, e a cada dia, novos poetas/slammers chegam à cena dando a sua contribuição.

São artistas da periferia, engajados nas lutas sociais cotidianas, agenciam através da poesia marginal em favor das minorias.

Sobral vem sendo pioneira na difusão desse movimento artístico, haja vista que aqui surgiram os primeiros slams do estado do Ceará. Em 2017, aconteceu a primeira edição do Slam da Quentura, em 2018, a primeira edição do Slam das Cumadi, e em 2019, a primeira edição do Slam das Pocs.

Nesse intercurso, diversos outros slams foram sendo organizados noutras cidades. Cabe ressaltar que essa rede de afetos e poesias tem se articulado cada vez mais para difundir a arte poética, agenciando lutas, espalhando orgulho de si, fazendo reflexões e críticas sociais necessárias, sobretudo, numa conjuntura política e social na qual nos encontramos nos dias atuais, onde a opressão sobre as minorias tem sido, de algum modo, instigada, tentando anular o outro, fazendo-o invisível e negando sua existência.

Na cidade de Sobral, a organização desses slams aponta para essa emergência, visto que as edições têm sido pensadas em pautas específicas, ou seja, as lutas do feminismo, mais especificamente sobre feminismo negro, têm sido debatidas na arena poética do Slam das Cumadi, organizado por mulheres, onde apenas elas, juntamente com outras, recitam naquele território exclusivamente reservado para seus corpos, vozes e militância. Muito embora o público seja misto, o lugar de fala é delas.

Não muito diferente está o Slam das Pocs, organizado pela comunidade LGBTQIA+. Não é desconhecido que o Brasil é o país que mais mata pessoas desse segmento, e aqueles que estão na sobrevivência têm de travar lutas diárias para garantir suas existências. O problema não é só fugir das estatísticas dos assassinatos, mas também lutar incansavelmente todos os dias para resistir à segregação imposta por um sistema social heteronormativo, racista e intolerante à diversidade.

As relações de poder no trato com essa comunidade parecem ser ainda mais intensas, dado o fato de vivermos numa sociedade que foi fundada na supremacia da “normalidade”, enquanto padrão construído para legitimar aqueles que já estão no topo da pirâmide social e inferiorizar os diferentes, a diversidade, atribuindo-lhes conotação de subversão e “anormalidade” quando decidem viver fora das normas estabelecidas.

É nesse momento que as pessoas dessa comunidade se unem para desfrutar de seus talentos, é instante de orgulho de si, ser quem são sem reservas, é a fusão de afetos e vivências inclusivas, performando alegria e liberdade.

O Slam da Quentura não é diferente. Está para a diversidade de vozes, aqui a junção de todos os corpos, que se emaranham num imenso ecoar poético. Todos os gêneros, cores e territórios se juntam para compartilhar sensações de afeto e resistências, é uma eclosão de potências negras e periféricas também.

Essa revolução poética já fez acontecer em Sobral a primeira competição estadual, valendo vaga para o campeonato nacional de poesia slam, em 2019, ocasião em que a edição conseguiu lotar a arena poética do Largo das Dores, na Margem Esquerda do Rio Acaraú, local onde acontecem as edições do Slam das Cumadi.

Em 2020, tendo a pandemia como obstáculo para o encontro presencial, novamente, o Coletivo Fora da Métrica, organizador do Slam da Quentura, fez acontecer juntamente com a colaboração de outros coletivos, a segunda edição do campeonato estadual de poesia slam, só que dessa vez, via online, contando com a participação de um público numeroso que se fez presente durante duas noites.

Mas nesse livro estão também outros coletivos que organizam slams noutras cidades, como o Slam Mandacaru, de Massapê, Sarau Resistência JV, de Ibiapina, e o Slam Entrelinhas, de Fortaleza. Todos esses coletivos são portas abertas para novos talentos, além de espaço de agenciamentos em pautas sociais que lhes são pertinentes.

A realidade dos slams é acima de tudo uma organização autônoma, pois geralmente não são patrocinados por instituições públicas ou privadas, é uma colaboração entre artistas e simpatizantes dessa arte poética, onde até mesmo os prêmios, mesmo que de uma forma muito simbólica, acabam sendo uma colaboração afetuosa de valorização e estímulo aos poetas, poetisas e poetas.

Para quem ainda não conhece esse estilo poético, vale ressaltar seu caráter político, não exatamente partidário, mas de leitura social e crítica sobre as desigualdades, opressões e outras mazelas que assolam as minorias. É o lugar de fala das pessoas que a sociedade, em sua atitude de segregação, elegeu como Outro, cuja alteridade se traduz não como diversidade, mas como indesejável, onde aqueles que se consideram “superiores” os apontam como “inferiores” segundo suas régulas de medir posições sociais e quem as devem ocupá-las.

Se mulheres, pessoas da comunidade LGBTQIA+, pretos e periféricos ainda não são maioria nos espaços de poder, agora, seus corpos e *corpas* estão em algum lugar público, performando agências positivas, ecoando versos em alto e bom som, travando lutas e resistências poéticas, territorializando lugares em que a geografia da desigualdade e segregação lhes aponta como indesejáveis.

É a arte que lhes possibilita ser quem são, estar onde querem estar, dizer o que pensam, emitir opiniões e/ou criticar posturas conservadoras e desiguais. Tais versos podem gerar quaisquer sentimentos, depende daquilo que eles representam para a realidade de quem os ouve, mas uma coisa é particular, é que eles geram sentimentos de afetos e cumplicidade, sobretudo quando partilhamos as mesmas dores ou as mesmas alegrias.

Essa linguagem poética se transmuta para outros códigos semânticos, criando sua própria morfologia e sintaxe, reverberando posições críticas, acentuando novas

possibilidades de gênero, rompendo com a clássica e suntuosa definição de cultura, trazendo-a para uma arena onde outras falas, outros corpos e *corpas* podem ecoar seus linguajares, emitir opiniões e críticas, ao mesmo tempo que falam de amor e solidariedade.

É essa a proposta desse livro quando reúne diversos poetas, poetisas e poetas da cena slam cearense, todos com seus talentos e infinitas potências, não somente culturais, mas de outros agenciamentos dentro de suas realidades particulares. São agentes das periferias, falam de seus cotidianos, mostram, através da arte poética, outras possibilidades em seus territórios de vivências, falam de suas opressões pelo sistema racista, classista, homofóbico, homotransfóbico, lesbofóbico, machista e segregador.

O livro **Agências Poéticas: cultura de rua e resistência na cena Slam** tem o propósito de mostrar esses talentos da literatura ‘marginal’, ou literatura menor, como definem Deleuze e Guattari, mas é também uma explosão dos ecos de resistência, vozes que lutam por respeito e o direito de existir enquanto pessoas, resguardando suas individualidades e particularidades existenciais.

Vicente de Paulo Sousa

Novembro de 2020



Crédito da foto: Adílio Kevin.

ADÍLIO KEVIN (AK)

É, eu sou o Adílio Aguiar, mais conhecido como “Adílio Kevin” mesmo. Meu vulgo é “Ak”. Eu tenho 18 anos, resido na cidade de Massapê-CE, sou poeta Slamer e MC. Estou nos corre desse mundo artístico que eu acho foda e massa. Meu contato com poesias e Slams foi há pouco tempo, quando eu me identifiquei com aquilo e decidi fazer parte e mostrar minha vivência, arte, revolta e minha indignação e soltar tudo nos versos, falando, onde eu aproveito o meu momento para demonstrar isso. E é sobre isso! Vem com nós que o bagulho é resistir e persistir! Vamo que vamo, família! Tamujunte!

REVOLUTION

É que eu vim da terra do nunca,
voltei pra botar pra ferver
É que vocês não vão me ver cair,
que eu resisto que nem kuntakinte
O preconceito nas rimas de vocês já passaram do limite
Eu sou brabo na zona urbana então pode me chamar
de lenda Will Smith
Eu posso ser um maluco pra ti
Mais esse aqui é meu pedaço
Nas rimas vocês não vão avante,
só dão passo pra trás tipo Michel
E eu sigo em frente garanto pra vocês que não
desmonto nos versos
Thriller vocês acabaram de criar um monstro dou o
papo reto
É que a periferia tem dialeto e agora os cria tá na vez
Anota que os moleque black de cap portando porchet
só da xeque mate que nem no xadrez
E na lírica eu sou veloz ninguém me alcança me
considere Schumacher multiplicado por 3
E o sistema burguês hein?
É foda tentaram me dar uma rasteira e rezaram pra
ver meu fim
Mais esqueceram que o A.K. é bom em capoeira te dou
o golpe na literatura Machado de Assis

Ô seu infeliz se tu bater de frente nois vai pra cima
contudo, pode pa
Tô tipo Aldo mais forte que o mundo e na lírica pesada
quem nem Alencar
Então deixa eu te falar
Já dizia Beka que essa geração não veio pro brinca,
veio pra derrubar
É foda que o sistema tenta esconder mais nois tá aqui
pra arrastar mo fi
Aqui nois não desanda pai
Manda um salve lá pros mano de Wakanda que fizeram
revolução por onde vai e por andas
E aqui nois faz por like nois não faz por fama
Calçada da fama é ver geladeira cheia e o sorriso das
crianças na disciplina
Meu sonho não tá em pause e eu tô na corrida
Por isso os menorzin da minha área me chama de
velocista
Sou fã do Emicida, curto os rap da Dricka, então fica a
dica que os pivete tão na pista
Não passo pano pra machista
Djonga já deu o papo que se vier contra, é fogo nos
racistas
Disso aí nois põe na frente e prioriza
Nois é Davi então na cabeça de gigante nois pisa
Flow levada besouro e com as palavras nos ginga no
proceder
As Paty fecha Billie Elish no contocer
Eu tô fechadão com as preta de quebrada agiliza ebony
e Kamila Cdd

Já deixo ligado pra você
Que aqui a firma tá forte
Equilíbrio na vida tipo slakline
Vou deixar marcas e fazer história que nem os
arremessos do Kobe Bryant
É essência tudo que eu faço é pela quebrada
E quebrada é a resistência
Como já disse no começa nem tenta peitar e nem tenta
alcançar que é pokas só paciência.

AK TROVÃO

Acionaram e disseram que era o Akcria
E eu voltei com métrica rima e poesia
Na cara de quem dizia
Que nois não valia nada
Então segura a revolta daquele que não se foi
E veio pra botar de ordem na casa.
Tipo backa não paga
Com o dom das palavras eu me apeguei
Voltei como o beka
Sem olho na beka
Na era de quem bota a cara é quem virei rei
Então corre corre nego tipo Jessen
Que o tempo não para recita o Ney
Então pega a visão que pras mente trancada eu libertei
Deu papo dos gravata
Mais minha mente é de quebrada
E a deles eu tranquei
Só mais um visionário sem papo furado osufrou do
trabalho
Na cena eu cheguei
Pros atrasados que fala pra caralho
Faz metade do que eu fiz
Cadê?
Não fez...
E nois segue na pista nois não da ré, nois acelera
Minha lírica pesada engatilhada minha mira acerta

não erra
Sistema aqui já não impera
Mais pera
Que na vida nois segue como aprendiz
E que eu voltei pra cá como imperador
E as mina pesadão como imperatriz
Já mando um salve pra tris
Sistema é falho é só um tris
Fica ciente que eu vi
Vocês no erro meu fi
Pagando pá me diz
Governo eu respondi
Citando a minha “diss”
Parada
Minha defesa em forma
Ao mão letrada
Robin Hood chegou mais naquele pique
Com poesia falada
Trazendo informação pra quebrada
Porque se deixar não mão deles da nada
Mais aí nois tá de frente
Levante a patente
Com rima inteligente
Essa é a vertente
Loucão consciente
Levada mais quente
Agitando esse mar de gente
Mais aí pega o barco e é só vim com nois que nois
derruba o tal do presidente
Fascista, racista tá jurado por pouco
Assista, persista, que pra eles eu vou mandar fuck vou
mandar fogo!

NOVA ERA

Que nem tornado é a era de 2020
Voltei ao passado em 2012
E eu pinteí o quadro que nem o Da Vinci
É enquadro e nem é cena de filme
Tamo de quebra ao vivo e a cores
Que eles tão plantando maldade
Pra nossas dores eles dizem o foda-se
Com o sorriso de felicidade!
Da quebrada já mandou o papo
Pra mim já deixaram o recado
Que quem fechou com o Bolsonaro
Tá a preste pro holocausto!
Holocausto referente a nazista
Apoiando ditador fascista
Paga pau para machista
Aí se fode que tá na minha mira
É vidrada ela tá na minha
E o pistoleiro do esquadrão suicidas nesses coy
Crescido no inferno Hellboy
Todo mudado virei bandido herói
Tipo Cris não aceito crítica de quem não constrói
Verdade errada é aquela que não doe
Eii!
Mais pera, para, pensa e repensa nesse instante
Nos versos que a lírica compensa! Ôh saudade do
mano Sant!

Tipo nos fura ele nois fura mil no improvisado
Na nascente do trap eu voltei como Biil no Rap
santuário!
Santidade bate na cabeça daquele do ego inflado
Né conto de fadas
É conto de fardas
Caiu mais um que se foi pra vala
Aquele menor que jogava na quadra
Fechadão com nois envolvido em nada
Aí foi confundido pelos canalha
Mais uma mãe solteira desesperada
Atrás de justiça aqui? Dá em nada
Quebrada chora é desde o começo
Atrás de um novo recomeço
A pele preta é o endereço
Da Ágata até o João Pedro
Do Ceará ao complexo do Salgueiro
É mil trutas e mil tretas
Nessa que eu te pergunto quanto vale a vida preta?
Pra eles não vale nada
Tá atrasada
Dizem que quebrada tá sendo apagada
Mais deixa eu te dar um papo meu camarada
Conquistas vem das antigas
De Sabota a Linn da Quebrada
Ainda tem mais e fica de boca fechada
Que as idéias de vocês aqui não transmite
Quebrada queer vem ocupando espaço
Foi do Dalasam ao Lucas Boombeat
Então antes de falar merda analisa os corre que hoje

em dia os menor tá chique
Revolução nos tá no pique com agulha e bala afiada
Evolução não para é o bonde e só vim com noiz
Favelado intelectual mais eu duvido se um dia eles
cala minha voz!

ÚLTIMA PARADA

Aí... Chama o A.K nos corre que nois tá num porre na vida caminhada

Sem papo de prefeito então desenrole essa fita meu camarada

Olha a tarja preta do Rafa Nunes

A vida te pune e é só tiro, porrada, e bomba na tua cara

Os cana me vê é enquadro na quadra

Então para!

Bambeta, blusão e sandália é motivo de estraçalha

E ainda por cima tenho a pele parda

Imagina quem tem a pele de Dandara

Raam, nem me fala

Não compara ou então para

Dizem que é bala perdida mais o fato é bala achada!

Liguei a tv, saiu proceder

Caiu na manchete e já tá manchada

Aí menor seguindo sagaz segue saga e saca

Que eu sigo rimando pro meus fiéis da calada da madrugada

Marcos Vinícius camisa 10 não esqueceremos dessa mancada

Vem punch bem colocada

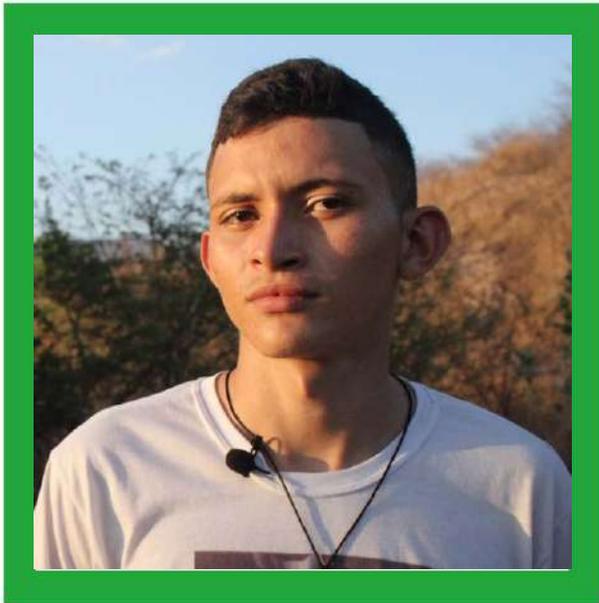
Minha linha tá estruturada

Da Ágatha foi o fim da picada

E a pergunta que tá entalada

Quem mandou matar Marielle, Anderson e Paulo,
Paulino Guajajara?
Dessas idéia ninguém aborda ninguém se toca e
ninguém fala nada
Minha mente milionária segue intacta e revoltada
Por isso que viemo no pique Baraka
Eu vim pra derrubar as máscaras
Ucla nois tá na casa
Vivendo essa vida de farsa
Eu girei tipo bascula
Eu virei tipo drácula
Mais um preto morreu aculá
Quem tava lá pra ajudar?
Ninguém pode pá
Eles dizem que vem mais vem
Sem moral citada na fábula
Essa história segue mal contada
Mais não vai ficar assim morô
Reviramo esse jogo e trocamos essa capa
Ai nego joga o Black pra cima e não abaixa por nada!
Nois fechô manda vim buscar sem porte de arma
O slam peitou e agora não tem quem nos cala
Se compromete pivete L7
Já falei minha postura na marra!
Que fique ciente dessa parada!
É que aqui nois não falha, argumento de sobra eu jogo
na cara!
Meu papo fervente que nem saara
Minha língua afiada que nem navalha
Bombardeando tipo Deidara

Quebrando barreira no pique Marta!
Idealizado que nois é tralha!
Bem estudado tipo bambata
É coisa rara, então vai segurando minha fala!
É que os mano e as mina já vieram bem preparado
com poesia destacada
Usando multi-silábica, embolada jogada do nada,
poetry braba é que tá tirando Os menorzim da parada
errada.
E nesse jogo de palavra eu sou tipo sensei
Dá o papo que eu já ganhei
Fuck opressor não tem vez
Matando sistema burguês
Fascista já virou freguês
Racista é só tey tey tey
Na cena eu nunca deitei
Ou seja eu me levantei
Não sou boy eu vim pra ser rei
Anota é nois que tá na vez, porra!



Crédito da foto: Renan Dias.

MC BARNABÉ

Me chamo Antônio Wisley Nascimento Oliveira, mas na cena da cultura de rua sou conhecido como MC Barnabé. Moro numa periferia da cidade de Sobral, onde participo de ações culturais ligadas ao movimento Hip Hop. Atuo como MC na Batalha do TN e na organização da Batalha do Park, e faço parte do Movimento Social Fome, cujas ações se direcionam no sentido de inserir a população periférica da minha quebrada em atividades culturais. Fui campeão de diversas edições de diferentes batalhas de rap na cidade. Em 2019, fui o vencedor da Batalha do Triunfo, ocorrida em Sobral, cuja seletiva, garantia vaga para representar a cidade na seletiva estadual em Fortaleza. Participo também das edições dos slams, principalmente recitando, às vezes, no Slam da Quentura. Tenho algumas poesias publicadas nas minhas redes sociais, e uma música, "Princesinha Vitória", no Youtube. Em 2018, participei da composição e gravação do clipe *Cypher Resistência*, juntamente com outros/a rappers da Batalha do TN.

MEU NORDESTE

Sou do Nordeste
Do sol brabo
Do povo resistente
O que vai pro Sul
Atrás de emprego
E não de viver diferente ...
Sou o matuto
Que fala errado
Isso é verdade
Mais o Nordeste tá ocupando
Todas as universidades
Pra mostrar que matuto aprende de verdade
Vou te explicar
Com meu palavreado
Que nós se entende
Meu sotaque NUM é errado ...
Tu fala pra corrigir
Eu falo pra se acertar
Tu fala vou assistir
Eu falo
Vou ispiar
Tu fala que é sorrir
Eu falo que é mangar
Do Nordeste tu só quer rir

Meu Nordeste só sei amar
Respeita o meu nordeste
Deixa de ser abestado
Norte, Nordeste me veste
Rapadura tem avisado
Se tu não calar a boca
E essa prosa loUca
Teu sorriso vai ser quebrado
Eu tô avexado
Desculpa aí patrão
O sereno já tem chegado
aki pelo meu sertão
Vou ali capinar
Pois pra mim alimentar
Preciso da plantação...

PRINCESINHA VITÓRIA

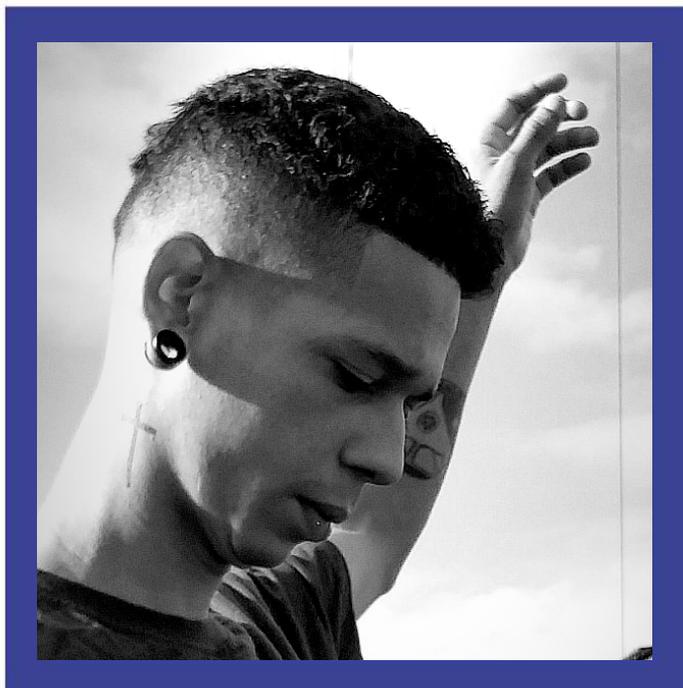
Imagine a cena...

Uma mãe com sua filha nos braços indefesa
Pois, depois de um tiro ela não está mais ileso
Parece até surpresa mais é a realidade
Isso é o que acontece dentro da nossa cidade
Essa guerra da favela tem algo meio engraçado
Eles têm o alvo certo e só acertam o errado
Só morrem inocentes, acho que deu pra perceber
Primeira vez que a vida vi a vitória perder
Uma criança linda, não tinha nem noção
Antes de morrer deu pra mamãe um coração ...
Me ajuda mamãe, cê sabe que eu te amo
Hoje a princesinha vitória virou um anjo
A mais linda do reino, essa é a verdade
Na terra tá sua rainha e você hoje é divindade
História emocionante, eu vim a me comover
Porque todos que amamos um dia tem que morrer?
Sua família sofre, pois não a verá jamais
Princesinha Vitória agora descansa em paz.

SOBRAL POESIA

Hoje vou embora prá SP
Vou conhecer novos lugares
Conhecer novos costumes
E comidas
Para quem sabe um dia mudar os meus paladares
Adeus meu Nordeste
Meu sertão
Adeus meu pé de Serra
E as cantigas no violão
Adeus meu povo valente
Que sofre com a seca
E também sofre com a enchente
Que botam culpa na gente.
Mais a culpa é do prefeito
Pois não trabalha direito
Por ser incompetente
Adeus povo que fala errado
Essa partida não é em vão
Esse povo burro do Nordeste
São preguiçoso e bundão
Mais é o povo que ocupa o topo
No ranking da educação
Vou embora pra SP
Meu novo povo me espera
Mais eu não vou pra SP

Eu não falei de vera
Eu vou embora é pra SP
Viver com meu povo dia a dia
Vou embora pra minha terra
De nome Sobral Poesia



Crédito da foto: Rafael Farias

RAFAEL FARIAS (VETIN)

Rafael Farias (Vetin), poeta marginal e slammer da cidade de Sobral e integrante do Coletivo Ocupa Ibiapina, da cidade de Ibiapina-CE. Um dos organizadores do Sarau Resistencia JV. Minha poesia é a rotina que eu inspiro e que me inspira para eternizar tudo ao meu redor em linhas.

CARTA AO CIDADÃO DE BEM

Bate, bate a panelaaaaa

Bate bate a panelaaaaa

Entrega o filho pra babá preta e bate panela

Deixou a mulher sem voz e bate panela

Defendeu a família tradicional trocou tiro no farol por causa de seta

Então vai, bate panela

Seu deus da bíblia tá na cintura te leva a sepultura, então vai bate a panelaaa

Falou mal das trans e trai a mulher na rua, o hétero top de dia, e a noite é cinderela, então bate a panelaaa

A corrupção num ia parar na Dilma? Assista o capitão que te representa

Honestidade se ausenta, enquanto vocês alimenta político de estimação

Bate a panela, mas quem carrega a flanela com sabão no farol evitou os oitão, não digitou 17 na votação

Que resultou em miliciano no poder e quer mais de nós na cela, não sabe como funciona os bang, quero ver vocês batendo panela com as mão suja de sangue

Enquanto vocês não veem o problema

Eu vejo, e desse tipo de pessoa fico distante

Meu povo resiste, luta insiste, forjaram o Rafa Braga pela cor da pele

Injustiça cruel da realidade da corporação, não gostam de
nos ver crescer não pedem seu rg, procuram motivo pra
bater, incriminar e quantos mais gênios atrás das grades
O capitão impera, então todo mundo senta e lê o
manual do guerrilheiro urbano do Marighella
Porque se deixar vai ser foda se a constituição, eu
chamo de palhaço vocês de capitão
Canso de um país com alto índice de pessoas em
situação de rua
E cada vez mais vai ficando de lado a cultura
Quantas Cláudias descendentes de Dandara vão
precisar ser arrastadas
Pra que injustiça com o nosso povo seja vingada?
Seremos Luther King nessa luta diária
Seguimos defendendo os ismos
E quando vocês falaram que esse assunto tá batido
Eu grito mais alto do que vocês batem panela
Peita que nois incorpora Mandela, quebramos as
grades da cela capitão do mato vai sair correndo, a
gente pra eles eram prêmios, hoje somos gênios que
sabem que sangue foi derramado
Os direito que antes eram negados
Foram tomados de assalto na base da força que hoje
resiste no asfalto
Em verso e vida Severina, poeta filho de mãe nordestina,
rezando pra não virar notícia, visando filosofia
Quero um dia ver minha escrita
Coloca nos postes e esquinas
Pra cada cria elevar a autoestima
Entender que nois vêm de baixo

Por isso o soco e furacão katrina
Nois pesa mais que teus quilo de ouro
Vale mais que suas piada racista
Não somos professor Aurélio, mas corrigimos
o significado de vida
E no fim viramos significado de resistir em linhas

POR QUE ESCREVES CRIA?

Escrevo poesia original de periferia

Escrevo pra mostrar de onde regam as rosas com sangue,
nasce, floresce uma literatura mais linda do que um céu
cheio de pipa em temporada de férias escolares

Escrevo com amor porque já temos ódio demais, tempero
com resistência e luta para meus iguais

Escrevo pra mostrar talento que as vezes vivem ao relento

Um dia nos levarão a sério

Escrevemos poesias de esquinas que derrubam impérios

SÓCRATES OUVIU O CRIA

Ô filósofo bem entendido
Só sei que nada sei
Porém Sócrates eu sei
Cansei de me calar e vou falar pra você
Sem mimos, defendendo os ismos
Tô batendo na mesma tecla não brinco
Abandono paternal entrega filhos na mão do destino
Forte, eis a mão da mãe que criou o menino
Sorte de sua mãe parteira que ajudava
Mulheres na Grécia a ter filhos
E você fazendo nascer ideias em partos de sabedorias
Ô filósofo bem entendido
A gente é igual, você defende
A democracia e é taxado como bandido
Pelo cidadão de bem que apoia
Ato de racismo e extermínio
O Brasil tem mais de 500 anos
E eu ainda vejo os mesmo inimigo
Ô filósofo bem sucedido
Se o só sei que nada sei
É um roteiro decorado e entendido
Ninguém pode denunciar o abuso policial
Porque vai virar queima de arquivo

E se eu quiser chegar aos 25
Não vou explanar meu saber com os inimigo
Ô filósofo bem entendido
Só sei que nada sei
Mas eu sei que o Rafa Braga
Foi incriminado pelo sistema maldito
E isso não é militância de internet
E as vozes que gritam e cês fingem não ter ouvido
E nem visto, a Cláudia foi arrastada
Tem tudo gravado, Paraisópolis foi chacina na
madrugada
E que ninguém cale a nossa voz porque
Igual você eu tô colando nas praças que além de
sabedoria
Eu transformo vivência em palavras
Ô filósofo bem entendido
Conhece-te a ti mesmo
E eu vejo além do verde e amarelo
Eu enxergo o vermelho do sangue que escorre nos beco
Enquanto branco que tem de tudo na vida
Refuta minha filosofia
Eu mostro que eu vim da quebrada
E que o vetin que de Sócrates entendia
Eu mostrei em poesia sem nenhum curso facultativo
na vida
Igual você quero ser considerado ameaça social
Não para o povo, e sim ao sistema
Que mata quem quer gritar alto
As podridões do sistema governamental
SEMPRE VIVA MARIELE!

Parem de fazer piada com a morte na net
Cadê o bom senso da educação cara de vocês?
Ô filósofo bem entendido
Agradeço por trocas de sabedorias e ter me ouvido
Pintei o cabelo de loiro fogueiro e na sobrancelha fiz
o risquinho
E dei aula de vida moderna ao mestre da filosofia
Valeu Emicida, dei tempo ao tempo e criei algo no
ócio, num dia
E depois de Einstein mostrei a Sócrates meu diploma
de cria.

A TEORIA DA POESIA DE MALANDRAGEM, PARA EINSTEIN

Fala meu querido Einstein
Precisava conversar com alguém
Então vim a aqui com a cara e a coragem
É que eu vim te explicar a teoria da poesia de
malandragem
É que o favelado sem muito estudo e de pouca idade
Vai mostrar que vivência de rua vale mais do que de
faculdade
É que a teoria das cordas que o meu povo conhece
É uma que arrastou Cláudia por 350 metros tão rápido
que nem teve tempo pra prece
E que essas parada é tão comum
Que nem assusta quando aparece
Na TV diz que faz só seu trabalho
Meu mano na vida não pegue os atalho
Na madrugada eles mata
Mais um neguinho, e pronto passa o pano
Porra o moleque jogava bem
Me lembrava muito Adriano

E que na hora de julgar quem é bandido,
Tipo Cristo pregado fatalmente na cruz
Julgaram uma família de preto e
80 tiros de preconceito viajaram na velocidade da luz
Parece absurdo né?
Coisa de bicho irracional
Mais eu nunca vi burro atirar com AR15 e fama e
Isso tudo é revoltante
É tipo um colapso temporal
Os capitão do mato ainda mata os neguim

Como na era colonial
É que eu vou tirar a porra do alvo das minhas costas
E a gravidade que te prende no chão
Vai me ajudar a abrir sua cabeça pra revolução
Colocando informação, te dando o pão se necessário
Vou mostrar que a força e a resistência
Atropela os preconceito dos seus que foi eleito
Por isso que não me calo e bato no peito
Enquanto o espírito de zumbi baixar nos irmão e em mim
Dandara baixara nas irmãs espalhadas por aí
Que estão presas em cadeias que antes eram senzalas
E algumas que estão em relacionamento abusivo ainda
são escravas
Levante irmã, consciência irmão
Foram quebradas as correntes das mãos
Liberte a da mente então e vamo fazer revolução
Junta todo mundo pega as espada
Que hoje tamo em guerra
E quando acabar vamo ter de volta nossa terra

Porra será que eu viajei
Fumar pra recitar poesia espero que não me gastem
E se eu expliquei nossa situação até pra estatueta do
Albert Einstein
Que tem a cabeça de pedra e ele entendeu a mensagem
E você que é humano, diz ser pensador contemporâneo,
se num entendeu pega o alvo, coloca nas costas e tenta
entender o que eu tô falando



Crédito da foto: Débora Caroline

DÉBORA CAROLINE

Débora Caroline, 21 anos, slammer do Coletivo Mandacaru, em Massapê, membro da ONG Criando Laços, em Massapê. Mulher bissexual, ativista e pesquisadora dos direitos humanos, estudante de Psicologia e monitora do projeto de Pesquisa e Extensão em Atenção à Saúde LGBTQIA+. Me encontro fazendo arte periférica, às vezes musicista e sempre inquieta como café fresco na segunda. Sou natural de Manaus (Município do Amazonas) e resido no Ceará há mais de 8 anos. Fui atravessada pela arte desde muito nova por conta dos meus avós, mas passei pelo processo de me reconhecer artista, e isso não está com muito tempo. O slam me mostrou e vem mostrando o potencial, a força e a resistência de ser artista periférica. E é nesse caminho que sigo com a arte transformando e transbordando cada trajetória como poeta e estudante de psicologia.

SALVE O BRASIL

A que ponto chegamos?

Onde vamos parar?

Que país é esse que se tem presidente genocida

Que pinta e borda com a cara da população?

Que decide sair em um dia de sol pra fazer um churrasco, ao invés de cuidar do pobre que ainda vive na rua pedindo um pacote de pão.

O naufrágio da política tá aí!

A arrogância dos poderosos nos persegue

A miséria é galopante

É um VERDADEIRO APOCALIPSE!

Onde de nada somos poupados, nem mesmo de sermos informados!

Brasil, que na sua bandeira tem ordem e progresso, eu só vejo desordens e retrocessos.

Ó PÁTRIA AMADA IDOLATRADA!

“Mas olha, EU DECIDO A QUEM AMAR”

Salve, salve!

Salve o BRASIL!

Isso não é uma letra de música

Isso é um pedido, uma apelação!

Brasil um sonho intenso um raio vivido de anti-amor e falta de esperança a terra só adocece!

O gigante pela própria natureza não tem VOZ!

Só vivemos envoltos de uma neblina de comentários

e comentários, revelações e revelações que não desencadeiam NADA, são só revelações!

Salve, salve o BRASIL!

Meus conterrâneos amazonenses gritam!

Salve, salve o BRASIL!

Meus conterrâneos cearenses imploram!

BRASIL, de amor eterno seja símbolo e não dor.

Eu quero paz no futuro e glória no passado sim!

Eu quero resistir.

Eu preciso existir.

Pois é na fala de Peter Pelpart que me acoberto que “se a cada dia parecermos mais vencidos, a derrota nos força a pensar de uma maneira diferente. É preciso fazer do pensamento uma conspiração cotidiana, uma insurgência indomável”.

É por isso que eu grito!

SALVE, SALVE O BRASIL!

QUANTO VALE A VIDA PRETA? "

As botas policiais massacram a existência preta

É assustador, mas é em tela cheia

Que até hoje o boato inteiro é...

“QUANTO VALE A VIDA PRETA?”

Será que paga uma passagem no navio negreiro?

QUANTO VALE A VIDA PRETA?

Será que é uma dívida na colonização mal feita?

QUANTO VALE A VIDA PRETA?

QUANTO VALE UMAS VIDAS PRETAS?

Será que estou falando direito a história inteira?

Ou seria, mais porque o valor de uma vida preta?

Isabel que o diga a vários anos ...

Quanto vale a euforia, será que era uma dívida com branco para pagar por toda vida?

QUANTO VALE A VIDA PRETA?

Será que eu me sinto inteira para botar a indignação na mesa cheia?

QUANTO VALE A VIDA PRETA?

Será que...

Será que estou falando é da massa atual que Le Bon fala a vida inteira?

Calma!

Vou desenhar a história inteira...

A massa é desorientada e te consome
Te limita a cada passo, que faz até tu achar que preto
ou pobre ,ou preto pobre não pode ter espaço.
Dessa eu passo.
Refaço.
Modifico cada traço ...
Pois eu sou a contramão na tradição
Eu sou a nova justiça
Preparando uma revolução
Nunca sentada!
Mas sempre com papel e rima na mão
Vou dançando com os meus traços para abrir a sua noção
Eu vou rasgar a tua alma e penetrar na sua visão
QUANTO VALE A VIDA PRETA AGORA IRMÃO?
Que ofensa de pergunta para uma população
Que confusão é essa botar em pauta a escravidão?
Eu não quero nada mais nada menos do que o respeito
e a justiça na minha mão!
Esse é um grito para os fardados limitados de juízo
Para parar de deixar sangue preto inocente correndo
no chão.
Essa é a questão que eu me pego
Essa é a questão que eu repasso
Essa é a visão que eu passo!
O porquê que a vida preta tá sempre amarrada no laço?
Aí ISABEL não ofusca o meu traço, tenho sangue preto
correndo no meu braço
Ogum aiê me dê força no braço
Para calar geração mecritocrata com rima e compasso.
EIII

Estamos dando aula com rima feita para a quebrada
ali do lado
Para lutar contra os fardados
No fogo do tiro cruzado
E passar a visão que preto na luta conjunta não cala
sem antes lançar a rajada letrada
Acabando com a autoridade de bandido fardado de
graça!
Ô fardados de plantão
Vou ti mandar a visão
O povo PRETO está cada vez mais vivo a cada bala em vão
E a JUSTIÇA dessa geração
Vai petralhar a tua noção de segregação.

A MULHER

A mulher tá no reggae
A mulher tá no trap
A mulher tá no rap
Tá querendo peitar moleque?
A mulher tá na gestão
Tá questionando a constituição
Tá de pedreira lá na firma para ignorar o ego ferido
dos machão.
SOLTA A TUA INDIRETINHA IRMÃO!
Salve mana Tawane as tuas poesias são revolução!
Eu sou o murrão para quem quer me impor um padrão
Eu sou uma voadora para quem quer me chamar de
“psiu”
Eu sou o dedo do meio para quem quer me julgar sem
razão!
É, eu sou tudo isso aí que você fala só porque eu ti
disse NÃO.
Eu sou MULHER E SE EU DISSE NÃO, FOI NÃO!
Nem ouse me calar se não a gente desce a mão
É porque aqui a luta é conjunta e a nossa resistência é
a única salvação!
Psicopreta (Marcela Sena) já dizia que “é sobre isso a
nossa união”
Pois eu venho aqui soltando rajada
Com a língua afiada

Eu sou de quebrada fazendo uma revolução letrada
Com as mina empoderada
Para não ti descer com a mão
Venho sendo arte para ti dar a solução
Venho sendo atos para tu poder ter noção
Venho sendo canção para passar nas tuas entranhas e
não rasgar só o teu coração, mas a tua noção!
Salve arte de rua
Salve todos os mulherão
Porque sem nada disso eu tinha força para continuar
no rojão
É POR ISSO QUE EU GRITO QUE ATRAVÉS DA
ARTE VEM SIM A REVOLUÇÃO!
Salve mana Rêh, a tua arte inspira
Salve mana Clau que por insurgência não cansou e
mandou o papo
“ANTES ARTE DO QUE NUNCA”
Esse é o meu primeiro passo.

ÉLA SÓ QUER GRITAR

Menina

Mulher

Pessoa

Outrora

Um nevoado de obrigação que só ecoa

Menina

A forma

Da amarelinha junto da ciranda

Brinca a menina que ainda sonha

E da esquina a fala: “não me toque”

Menina

A dança

Obrigada a dar-se

A quem lhe tomou

A infância

O que ti faz ter tanta esperança?

Desde a infância

O senhor não mais senhor se torna um peso
ensurdecedor

Que única mão que a cerca é a esperança de se manter
limpa, intocável!

Da escola as ruas

A luta da menina não é mais só dela, é também sua

Do que se trata?

Educação sexual na escola aaa

“NÃO CABE NO CHEQUE”

E o governo precisa tratar é no tabefe?

Meninas

Mulheres

Pessoas

Objetificadas

Sensuradas

E nem toda menina que enjoa da boneca é sinal que o
amor já chegou no coração

Ela

Ela só quer

Só pensa em gritar

Ela só quer

Só pensa em gritar...



Crédito da foto: @y.choicesfx

MARCELA SENA

lae? Me chamo Marcela Sena, poetisa há dois anos e slammer da cidade Sobral, participando ativamente do Slam da Quentura, Slam das Cumadi e Slam das Poc's. Também integro o grupo As Manas, composto apenas por mulheres. Atuo como DJ a solo e junto do grupo A Coletyva desde fevereiro de 2020. Filha de dona Maria da Conceição, sobralense que até hoje trabalha na mesma profissão, atendente de médico, e de um preto maranhense, o seu Marcelo, que trabalha de sol a sol, mestre de obra é sua profissão. Somos nós três sempre e agradeço e eles por ser quem eu sou hoje.

SOU PRIVILEGIADA

É que eu não sou perfeita

Eu sou uma mulher de 22 anos negra

Dizem que sou privilegiada porque ando de carro e não num navio negroiro

Desculpa galera é meu pai trabalha desde os 12 anos como pedreiro

Branca

Preta

Parda

Indígena

Amarela

5 opções qual você aperta??

Quando criança descobri que eu além de pessoa, era preta

Preta não, morena, porque minha pele é mais clara

Então se é mais clara, eu sou parda

E essa marcela parda

Me acompanhou vários anos durante a minha caminhada

1 base

Para pele parda

Preciso nem dizer né, que quando usei parecia que eu tinha visto um fantasma

1 inscrição do vestibular

Já que cota é esmola, a opção parda eu tive que

apertar lá
Fui no sabe de tudo, vulgo google e ele me disse o que?
Parda
Então se eu sou parda
Tenho que no mínimo honrar minha raça
Cabelo alisado sem contrariar?
Confere
Estudou quase a vida inteira em colégio particular?
Confere
Usou loreal pra tentar clarear a pele?
Confere
Ganhou um notebook com menos de 18 anos?
Confere
Odiei por vários anos os traços que me caracterizam
como mulher preta?
Confere
Eu num era, nem sou parda, muito menos rica
Eu sou uma preta, bem de vida
Que trabalha 8 horas por dia
Dentro da burguesia
Aturando piadinhas
Sobre meu cabelo
É até engraçado, porque são as mesmas pessoas que
dizem que eu deveria ser modelo
Por ter um corpo padrão
Burguesia e padrão
Palavrões de alto índice de dinheiro
Que ficam pistola quando uma preta na faculdade
conseguem entrar
Mas foi de forma particular

“E neguinha tu vai ter que se virar e pagar”
E num é que eu me virei
E toma o Fies em encontrei
Obrigada papis Lula sem você a filha do pedreiro
Iria ter que ralar mais ainda pra conseguir um
diploma/respeito
Então, antes de julgar alguém
Certifiquem –se que esse alguém é um ser humano
E como todo ser humano tem sentimentos
Principalmente capricornianas como eu que não
gosta de julgamentos sem argumentos
Manas se vocês não se enquadram ao que esperam,
vou mandar o papo reto
Vamo fazer bruxaria
Pra machista entender que isso daqui não é putaria
É lugar
Das putas
Das rapariga
Das mana “maria fêmea”, porque “maria macho” não
entra na minha poesia
Das pretas de periferia
Das mulheres exibidas
Das mulheres que tem rola
Das tias da limpeza da escola
Das mães solteiras
Então feminicida cuidado 2020 convocou as
feiticeiras
Vamos as apresentações finais
Me chamo guerreira Marcela Sena, marcando
presença

Caindo no braço pra quem me chamar de morena
Então ver se respeita porque além de mulher eu sou
preta
E sinto te informar mas, eu rimo com a boca e não
com a buceta
Pow pow pow
Sentiu?
É porqueq foi o meu
Flow, flow, flow
Atingiu
Tua mente burguesa
Segura racista, foi o tiro de escopreta.

NÃO RECOMENDADO A SOCIEDADE

A PLACA DE SENSURA NO MEU ROSTO DIZ:

NÃO RECOMENDADO A SOCIEDADE

A TARJA DE CONFORTO NO MEU CORPO DIZ:

NÃO RECOMENDADO A SOCIEDADE

A cada 11 minutos uma mulher é estuprada

Uma cultura totalmente descontrolada

E tratada com brincadeira

As deusas que nos livres de passar a noite na
bebedeira

Mas qual o motivo?

De tu se importar tanto com o que eu visto?

Não pode ver uma mina usando algo curto

Que o “FIO, FIO” já tá na ponta da língua

E o estupro na ponta da pica

É como GABZ recita:

“Cês não gosta de mulher

cês gostam é de buceta

de preferência branca

mas com bunda de preta”.

Nada mais que corpos descaradamente embutidos
em um padrão

O tal do padrão que quer deixar todo mundo igual

Mas quem disse que geral quer ser “normal?”

Talvez magra
Talvez com uma pochetezinha acrescentada
Talvez queira ter o cabelo azul, longe do que dizem
ser comum
Talvez eu tenha merecido ter sido estuprada
Afinal eu tava voltando do colégio
Onde já se viu uma preta com esse privilégio?
Mas num tem problema não, se vocês quiser a gente
vai passando a mão
Vai passando a mão na escravidão
Vai passando a mão na homofobia
Vai passando do feminicídio
Vai passando a mão no racismo
Vai passando a mão...
Não, não vai passar a mão
Eu não deixo, o povo não autoriza
Os meus não aguentam mais serem assassinados por
policiais
Enquanto os políticos tão cheirando pó nos aviões
presidenciais
As horas se passam
Os dias acabam
O mês termina
E mais um ano se vai
Levando junto vários pretos que lutaram pelos
direitos iguais
Dandara, Tereza de Benguela
Lutaram e continuaremos lutando com vocês
Por vocês
Por nós

Por todos nós
Até o sistema cair e os preto subir
Até o sistema cair e os preto subir
Até o sistema cair e os preto subir
E lá de cima, bem lá do alto, do último andar, da
suíte presidencial
Nois vamo olhar pra baixa e gritar
Casa grande é o caralho a senzala dominou todo o
espaço que de nos foi tirado
Nos pedem pra ser forte
Logo nós que ao nascermos estamos lindando com a sorte
Mas tamo lá lutando contra a morte
Lutando contra o poder machista branco
Presente hoje e sempre MARIELLE FRANCO!

JUSTIÇA

Parapapapapapapapa

Parapapapapapapapa

Papara-papara-papara-claque-bum

Parapapapapapapapa

Ágata Vitória Sales Félix

Mais um corpo negro morto

E adivinham onde? Exatamente no morro

Famílias tendo seus parentes assassinados e a única voz que ecoa é o choro

Uma troca de tiros disseram os policiais

Mas o único que teve saiu da arma de vocês oficiais

A favela tá aprendendo a não permanecer calada

Principalmente depois uma menina de 8 anos ter sua vida acabada

Morta pelos homem de farda

Que andam tudo armado afim de nos diminuir

Num sei pra que, afinal os alvos deles são nos pretos e vamo fazer o que? Desistir?

A criança fazia xadrez, inglês e balé mano!

Até quando vai ser assim “Sem querer” “Por engano”

Falta ética pra essa sociedade militarista

Que se diz pensar nos diretos da família

Mas que tipo de família?

A que a mãe solteira de 5 filhos que é julgada

Por não se encaixar no tipo de padrão na qual ela é colocada?

Ou o pivete que roubou comida
Pra amenizar a ferida
Que aumente a cada hora e a cada dia
A tal da fome que fala e mata
Um menino negro covardemente violentado e
chicoteado
E cadê a justiça?
Cadê a porra da justiça?
Pro negro favelado?
É porque a justiça tem cor e classe social
Branquitude rica assim como o presidente fascista
Que se tornou chacota mundial
A injustiça também tem cor e classe social
Negritude pobre, como os países com a segunda maior
população negra
Mas porque a morte de um branco
Tem mais repercussão que 80 tiros no cara de pele
preta?
Respeitem nossa história de luta e tentativas de
liberdade
Afinal somos descendente de Dandara e Zumbi dos
Palmares
Será que vai ser preciso, eu ir até Wakanda?
Pra pegar alguns livros e ensinar os políticos como se
deve governar?
Só se for assim para os meus serem respeitados
E ter um lugar pra dormir e descansar
Sem se preocupar com a próxima bala autografada
que pode lhe assassinar
A carne mais barata do mercado

Não tá mais de graça
O que não valia nada
Agora vale uma tonelada

ANCESTRALIDADE

Primeiramente

Escurecendo uma coisa eu não recito por fama
Só quero meu local de fala que meus ancestrais
deixaram de herança

Segundamente

A tempos essa palavra reverbera na minha mente
Ancestralidade que é desconhecida por muita gente
Lembra aí de algo bem ancestral

E me diz se essa lembrança foi um preto apanhando
amarrado no pau

Não pensou nisso? Privilégio seu

Porque todo dia vejo notícias genocidas contra os meus
Contra a minha raça

E a ancestralidade tá lá

Dormindo no chão da praça

Ou carregando um guarda-chuva e é visto como uma
ameaça

A ancestralidade tá lá

No meio da mata

Lutando contra os cara pálidas que querem lhe tomar
de graça

Um território que é deles por respeito e direito
Afinal 'quenhê' que pisava nesse solo antes do
primeiro navio negreiro?

A ancestralidade tá lá

Recitando poesia
Mão pro alto porra a praça é pública, mas só pra
burguesia
A ancestralidade tá lá
Acordando 5 horas do dia
Pra levantar prédio, mas não pra periferia
A ancestralidade tá lá
Na novela da TV
Mas como personagem principal é a coisa mais difícil
de se ver
A ancestralidade tá lá
Com 8 anos, tentando voltar para casa depois escola
Pra estudar mais ainda porque foi lhe dito que cota é
esmola
E futuramente não ter que parar num a gaiola
A ancestralidade tá lá
Nos livros de história, como sinhazinha
Limpendo cozinha
Sendo estupradas noite e dia
E vendidas como mercadoria
Ancestral
Ancestrais
Tá na pele
No nariz
Na boca
Na força
No black alto
No gingado
No legado
No sangue derramado

A ancestralidade
Tá lá
Tá ali
Tá bem ali assim
A ancestralidade
Tá, tá, tá, tá, tá,
A ancestralidade
Tá
Aqui (cabeça)
Aqui (ouvido)
Aqui (boca)
Aqui (coração)
Ela tá em mim, correndo nas minhas veias
Por muito tempo pensei que fosse besteira
Afinal a sociedade capitalista
Nos coloca em um padrão desde o primeiro dia de vida
E desde de lá temos que nos encaixar
Mas quando nossas asas crescem queremos voar
Tentar nos derrubar
Nos matar
Nos desmotivar
Nos fazer não acreditar
E num é fácil não
Porque dói a cabeça e principalmente o coração
Cada um sabe sua dor
Cada um sabe sua luta
Então parem de tentar cancelar pessoas
E comecem a cancelar a ditadura.



Crédito da foto: Virginia Oliveira

VIRGÍNIA OLIVEIRA

Virgínia Oliveira, tenho 26 anos, atriz, fotógrafa, diretora, escritora e muitas outras coisas, cria do sertão central, Morada Nova, mas vive de perambular pelos cantos, atualmente mora em Sobral e Fortaleza. Sou uma pessoa com deficiência e acredito que é importante reforçar isso para que corpos plurais possam ser normalizados na sociedade e, principalmente, no meio da arte.

SERTÃO

Me perdoem o parecer
Ou a falta de expressão
É que não sou cria da favela
Sou cria é do sertão
Um local de muita seca
E grande retroceder
Porque a água que bate a beira
A cidade vem a beber
O sertões que se lasque
Mas não venha a esquecer
Que foi às mãos do sertanejo
Que a metrópole fez erguer
O sertão tem muita força
Resistência e grande luta
Tem marcas no tempo
No corpo, na alma e na labuta
As andorinhas que no sertão voavam
Hoje não voam mais
Porque os homens de mãos armadas
Só nos levam e nunca traz
Carregam os bicho morto
Arrancam a nossa paz
E ainda tem a ousadia
De dizer que no sertão nada valia
E que a miséria corre solta

Achando que nossa voz é pouca
Nos querendo arrancar mais
Fortaleza se ergueu
Em cima de concentração
E não é de mentalidade
Mas sim de opressão
Se tu não sabe a história
Vou te dar uma lição
A periferia é fruto
Dos seus grandes currais
Que traziam o sertão em trens
E descarregava como animais
Não deixavam nem pisar
Em suas terras “naturais”
E ainda negaram
Ouvir essas histórias
Porque achavam que não falar
Era arrancar a memória
E nos tirar o saber
Mal sabem eles
Que o sertão nunca vai morrer
E que cada gota que cair
Ele volta a renascer
Só sabe quem lá vivia
Que o sertão também sofre
Assim como a periferia
Lá ninguém viaja pra Europa
Carrega suas tristezas nas costas
E enquanto a noite vira dia
Forasteiros sem maestria

Trazendo suas invalias
E arrancando a nossa sorte
Não sou descendente de cangaço
Muito menos Lampião
Porquê das banda que venho
Aprendi uma lição
Que nas veias me corre o sangue
De negros, índios e vaqueiros da região
A minha ancestralidade
Pega o boi pelo chifre
E impossibilita sua ação
É por isso que eu digo
É pelas mãos do sertanejo
Que vai ser laçado o gado dessa nação
E volto a lhes dizer
O sertão não vai morrer
Muito menos esquecer
O sangue e suor derramado
Aprendi com a caatinga
A ser enorme resistência
Por que ter força
É ter paciência
É poder se expandir
E mesmo que só me enxerguem galhos
Eu continuo a existir
Aprendi a guarda tempo
Pro sistema destruir
E vou quebrar ele todinho
Da base até o topo
Mostrar que ser sertão

Não é ser oco
É guardar muito saber
E lembrem-se
O sertão não vai morrer
Ele vai é resistir
E te fazer entender
Que a cada gota que cair
Ele volta a renascer

MORTE PERMANENTE "

Queria gritar
Marielle presente
Mas é que da favela onde moro
A morte é mais permanente
Também queria pedir
O fim da polícia militar
Mas algumas línguas foram cortadas
Não puderam nem falar
Eu queria tanta coisa
Que não posso nem dizer
Tem rua chamada beco da morte
Preciso recitar o porquê?
O bairro é conjunto esperança
Deve existir um motivo
O qual deve estar muito escondido
Porque não consegui entender

Do alto do meu privilégio
De muitos lugares passar
As dores daquela terra
Conseguiu me atravessar
É que os amigos da infância
Partiram logo cedo

E foram com muito medo
Com a morte se encontrar
E eles eram e são jovens
Com tanta vida pra viver
Mas já perderam o juízo
E não foi por enlouquecer
É que a bala lhes atravessou a testa
Fazendo o corpo ceder
O juízo se espatifou todo
Avisando a muitos os outros
Que a morte vem sem ter porquê
Mas logo surgem os motivos
E a gente sem entender
De repente era traficante
Por uma balinha a vender
Mas o avião presidencial
Nem indiciado veio a ser
E ainda me pergunto
Quando eles começaram a se matar
O sistema é tão imundo
Que até guerra entre eles fez criar
De quem é o troféu
Dos corpos mortos no chão?
De quem são as lágrimas
Derramadas num caixão?
De quem é o sangue
Marcando seu pelotão?

Enquanto muitos usam seu bequinho
Sem nenhuma preocupação

É corpo morto na favela
Que parte sem opção
E me diga se estou errada
Pelo que venho a vê
Se existe tráfico de drogas
Existe quem vem a morrer
Enquanto tu sopra a fumaça
Na cara policial
Aplaudo seu privilégio
Tua revolução animal
Porque amanhã não é você
Que vai tá dentro da TV
Sendo chamado de marginal
A realidade é até simples
Fácil de entender
É racismo estrutural
Da um Google que tu vê
É política de extermínio
E você sem perceber
Financia tudo isso
Só pra garantir o seu prazer
E nem venha me dizer
Que esse não é meu lugar de fala
Porque é falar que eu vou fazer
É do meu recorte de privilégio
Que estou aqui por querer
Se não quer escutar
Tampa os ouvidos meu bem
Mas o sangue que escorre na favela
Suja tuas mãos também

Não se anule da responsabilidade
Nãos se faça esquecer
Que quem trafica tá solto
O usuário nada vem acontecer
Porém é o vetin vendedor
Que a arma torna a conhecer
Mas antes dele atirar
A bala chega primeiro
E se o gatilho é apertado
O atinge bem certoiro
E não é o policial
É o sistema por inteiro.

MULHERÃO DA B.

Putá que pariu mano
A história se repete mais uma vez
Tem quem pense
Que por ser deficiente
Não posso estar no meio de vocês
“Mas eu nunca falei nada
Nada eu dizer
Mas cobre essa perna feia
Dá gastura só de ver”
Então não olha caralho
Não olha pra mim não
Sou totalmente Normal
E não uma aberração
Pra tu olhar de cima a baixo
Feito tu olha pro cão
Aliás me tragam um holofote
Pois quero atenção
Não sonho com cura
Mas com revolução
Que arranque de suas cabeças
O caralho de um padrão
Que quem não se encaixa nele
Merece violação
Não sou fraca

Muito menos delicada
Que vive deitada numa maca
Esperando uma morte velada
Também não sou mulherão da porra
Um posto que não posso ser colocada
Porque sou é mulherão da buceta
Porque foi de uma que fui tirada
E que buceta
Gostaria de destacar
Que me colocou um facão debaixo da língua
Só pra poder te cortar
E é te cortando
Que tu vai entender
Que não é por ser deficiente
Que não vá fuder você
E vou fuder heim?
Mas fuder bem de mansim
Fuder tua estupidez
E fuder até o fim
Se ousar dizer que meu discurso
É violento
Violento é não saber
Quantos corpos de mim
Estão Morrendo
Não é por este corpo
Que não sirva mais pra nada
Já dizia minha mãe
Pois bendita é entre as mulheres
A que tiver a língua mais afiada.



'
SOU
"

Eu atravesso as ruas da cidade de noitinha
Sozinha, como figura abandonada
Não ando despercebida
Mas nem de longe sou avistada
Apenas as violências me cercam
A igualdade não me alcançou
Enquanto mulheres sem deficiência
Buscam independência
Para corpos diferentes
Ainda é um ato político
conseguir algum amor
Acho que sou mulher, mesmo que digam que não sou
Não precisei aprender a ser sozinha
Porque cresci na solidão
Me arrancaram a sexualidade
Condenada a exclusão.
Lutem por todas elas
Mas a estas, a estas não.
Usem Frida, Maria da Penha
Mas ignorem seus corpos
Suas lutas, e todas as outras iguais a elas
Ignorem, apenas ignorem.
Elas não viram estatística do IBGE
Não é porque não morrem
Mas porque não as aceitamos como mulher

Não, eu não sou feminista
Meu corpo foi esquecido nas pautas anti alguma coisa...
Vamos falar de sororidade
De cura e aceitação
A gente já sofre tanto
Pra perder tempo
Falando sobre um corpo distorcido
Esquecem que é corpo vivo
E que também sofremos violação
Me perguntam se meu corpo
É fruto de pecado
Não é
Mas sofre castigo
Por ser corpo mazelado
A gente é o tanto faz
Ou o tanto fez
Por isso
Sou Sertão
Sou cidade
Sou uma pessoa com deficiência
Sou artista
Sou o que puder ser
E se tiver mais alguma coisa faltando
Alguma hora hei de fazer
Meu corpo não tá no jornal
Não tá na revista, muito menos na TV
Posso ser tanta coisa
Mesmo que ninguém venha a perceber
Mas ser aceita como mulher
Parece que não posso ser.



Crédito da foto: Claudiana Pereira

CLAUDIANA PEREIRA

Claudiana Pereira é uma escritora e artista que vive em Sobral, no Ceará. Aos 12 anos, ela começou a escrever e desenhar, um jeito de se distrair sozinha após a morte da sua mãe. Encontrou nas folhas em branco uma forma de aliviar a dor da perda. Contando sua jornada por momentos amargos da vida e encontra uma forma de tirar delicadezas deles. Recitou uma das suas poesias na Batalha da Margem, um evento onde tem um palco aberto no ano de 2019, com a seguinte reflexão “qual a faca que te corta? “. Hoje ela usa vários meios para se expressar: a poesia, os desenhos, a fotografia, o artesanato e um empreendedorismo de baixo custo. Almeja publicar suas poesias e poder viver da sua arte.

A LOUCURA ILEGÍVEL DE SER EU

Não vou mentir!

Tem sido dias difíceis...

Esses dias estão pesados.

O meu peito está meio pesado.

E a minha cabeça explodindo.

A gente não escolhe nem o nome,

Que dirá o próprio destino!

A natureza respira mais uma vez.

E o meu peito ainda continua pesado.

Eu paro, respiro e tudo dói.

O afeto morreu.

O orgulho prevaleceu, eu perdida nesses versos já
não sei o que pensar.

Seremos então pequenos deuses com grandes egos?

Uma partícula da terra que pode evaporar com o tempo?

Eu realmente já não sei o que pensar!

Há cicatrizes que ninguém vê.

Lágrimas que não molham.

Feridas que não sangram,

E gritos que ninguém ouve!

Eu tenho tantas coisas não ditas, guardadas,
oprimidas.

Eu tenho tantas mágoas, desejos e medos.

E o medo me corta profundamente como uma espada
atravessada na minha alma.

Vejo a guerra lá fora, e provoca uma guerra interna
dentro de mim!

Então eu te pergunto: do que adianta eu ter o mundo
nas mãos, e não saber lidar com próprio peso nas costas?

Uma vez eu li essa frase de um livro:

Há ideias que precisam do papel, porém primeiro há
pesos que precisam sair das costas.

Me atirando em abismos na esperança de criar asas
De quantas cicatrizes você transformou em
constelação?

Cada um tem um caminho a seguir, e uma lição pra
aprender

É como dizem: O que não te mata, fortalece!

Eu aceito e admito: dias ruins estão pra ensinar algo.

Me preocupo comigo, porque sei que fui feita sensível
demais e o mundo não é gentil com os que sentem muito.

Mas..

Uma hora eu me perguntei:

O que eu faço? E minha arte?

Arte, não é a quantidade de pessoas que gostam do
seu trabalho, é

O que seu coração acha do seu trabalho, o que sua
alma acha do seu trabalho

É honestidade q você tem consigo!

E você

Nunca deve

Trocar honestidade por identificação

Sabemos muito bem que ainda há tempo

Então, é errado dançar nesse verso?

Se o seu coração estivesse cheio de amor

Você conseguiria desistir?

SEJA AMOR

Seja amor, mesmo quando o dia nascer nublado.

Seja amor, quando ninguém estiver por perto. Seja amor todos os dias, e verás como é bom cultivar esse sentimento. Seja amor com as pessoas com quem passará esse dia. Seja amor por dentro, e teus gestos serão amáveis.

Não permita que as dores do mundo te transforme em alguém sem amor.

SEJA AMOR

A vida é curta demais pra viver sem poesia, a vida é curta demais pra não fazer o que eu gosto, a vida é curta demais pra não desenhar, escrever, dançar, cantar, pintar, a vida só é valiosa porque termina...

A vida é curta demais, você precisa fazer o que ama, não há tempo a perder!

É como minha Mãe sempre me dizia:

“a receita é uma só! Fazer as pazes consigo mesmo, diminuir as expectativas, e entender que felicidade não é sobre ter, é **SOBRE SER**. E isso é muito real!

Eu tenho tanta coisa dentro desse ser que é visivelmente invisível.

Eu que por diversas vezes me perco em mim mesmo.

Eu que nem mesmo, às vezes me entendo.

Então porque você me entenderia?

Não vou me desculpar, o meu coração é lírico demais, para o teu analfabetismo poético!

O POEMA ESTÁ NOS OLHOS DE QUEM LÊ

Eu machuquei a mim mesmo, hoje
Para ver se eu ainda sinto
Eu me concentro na dor
A única coisa que é real
Minha memória é cheia de dor
Tento apagar tudo
De todos os jeitos
Mas eu me lembro de tudo
Os políticos vivem no seu império de sujeira, nos
colocando para baixo
Mas vivendo sobre um grande trono de mentiras.
Uns esperando o mundo acabar.
Outros começar...
E eu sequer sei de que mundo sou.
Sou uma parte da cura?
Ou sou uma parte da doença?
Cheia de pensamentos quebrados
Que eu não posso concertar
Sob as manchas do tempo
Assistindo tudo pelas janelas da alma
Há dias em que eu evaporo...

Há uma sede do infinito em mim
Estou longe de ser uma pessoa,
Sou antes uma exaltada,
Com uma alma violenta atormentada
Uma alma que não se sente bem onde está, mas sabe
exatamente onde quer chegar.
Eles me cegaram, depois disseram que eu deveria ver
beleza em mim.
Esse ano me matou, mas não conseguiram arrancar
do meu peito a vontade de renascer.
E é incrível, o amor de um vence o ódio de milhões.
Nós só vemos metade
Das pessoas,
Do mundo,
De nós mesmos
Venho de tantas tempestades,
Que perdi o medo da chuva.
Vivendo a arte de engolir desejos.
E pra esse ano: Justiça é pouco pra mim!
O que eu desejo nem tem nome ainda.
Mesmo soFrida, jamais me Kahlo.

MENTE CONFUSA DE UMA GERAÇÃO EM COLAPSO

Temporais são temporários
Mas o que eu faço com as palavras não ditas?
Estamos em desespero, João Pedro, um menino negro
com apenas 14 anos, Teve sua vida interrompida, e
advinha?
Foi culpa da milícia,
Da ganância humana,
Da política suja!
Ele não teve tempo do último abraço,
Ele não teve mais tempo pra jogar bola,
Ele não teve tempo nem de ir à escola!
Ele não teve tempo, nem num último suspiro!
Eles te pedem calma e te dão um tiro?!
Podia ter sido meu namorado, ou um dos meus amigos!
Eles não têm muito tempo, e isso me destrói!
Morrer não é nada, não poder viver que é horrível!
A gente sempre acha que tem tempo, ai o tempo acaba
A vida é um conto de falhas, e ainda pedem calma?
Me ajusto a essa vida,
Mas sei que ela não é justa

Somos a praga que o sistema criou.
A polícia mata, mas só mata pobre
Qual é a cara do ladrão?
Quem é que vai saber?
Será o moleque de calção?
Ou o engravatado no poder?
Eu cansei de perder saliva com mente que não
processa! Cansei.
Nossa memória é cheia de dor.
Arranca metade do meu corpo,
Do meu coração, dos meus sonhos!
Forte por fora, e muitos hematomas por dentro!
O povo brasileiro tá enxergando agora, o que Racionais
dizem desde os anos 90
Se você quer guerra, terá, mas se quiser paz eu quero
em dobro!
Grafite é crime no país onde roubar é arte
O lucro das empresas, é a fome do povo
Entendam: A pátria amada não se faz com uma pátria
armada
Espalhem amor, como eles espalham violência.
Hoje: Respiro poesia, porque oxigênio mata!
Ideias são a prova de balas,
Eu vim pra sabotar teu raciocínio
Tentaram nos enterrar, mas não sabiam que éramos
sementes.
Um Salve, João Pedro Presente!

QUAL É A FAÇA QUE TE CORTA? "

Qual é a faca que te corta?

Foi difícil começar a escrever essa poesia e ainda mais difícil recitá-la, quem diria!

É que são tantas coisas em meu peito pra dizer, e são poucas linhas pra desenvolver essa confusão aqui,

Mas calma, relaxa, senta aí, eu só quero falar, não!

Eu quero te perguntar: qual a faca que te corta?

Sim, qual a faca que te corta?

É aquela em que você omite de dizer o que sente?

É aquela que abafa a sua voz?

Qual a faca que te corta?

É alisar o teu black pra se sentir aceito?

Ou mudar de calçada quando ver um preto?

Qual a faca que te corta?

É a mulher ter q pensar na roupa mil e uma vez antes de sair de casa?

Ou um preto favelado se sentir inseguro com a própria vida quando os homens de farda passam?

Qual a faca que te corta?

Não ser aceito pela família, e ouvir piadinhas do povo na rua?

É acordar 5 horas da manhã, trabalhar o dia todo, e ainda ser chamado de vagabundo.

Dizem: só se vive uma vez! E no meio desse verso inacabado eu pensei: não, só se morre uma vez. Vivemos todos os dias, ou melhor nós sobrevivemos todos os dias. Esses dias.

Qual a faca que te corta?

É olhar pro espelho e não gostar do que se vê?

É cortar os braços pra aliviar a dor, mas usar blusão pra ninguém ver?

Qual a faca que te corta?

A faca que corta a mim, corta a você?

Mas é que nem todo mundo nasceu pra ser robô desse sistema, nos chamam De vândalos, mas vandalismo é o que eles fazem com nossas vidas, que parece não importar.

E são tantas coisas a pensar, e são tantas facas a me cortar!

Mas do que adianta fazer história num país onde ninguém lê?

Mas eu preciso saber:

Qual a faca que te corta?

Que acaba com tua esperança e acaricia o teu medo?

É que eu vejo humanos, mas não vejo humanidade.

Peraí, qual a faca que te corta?

A pior prisão irmão é a da mente, e nós preferimos viver o perigo dessa liberdade, Ao “sossego” da servidão e de que adianta ter tudo no bolso, e nada na cabeça Que nem o presidente cuzão?

E a pátria amada que esqueceu de amar! meu irmão.

Mas eu preciso te perguntar:

Eu preciso saber:

Qual a faca que te corta?

A mesma faca que corta a mim, corta você?

Será faquinha ou facão?

Que te causa hemorragia, e dilacera o teu coração!

Ah, eu preciso perguntar:

A faca que corta você é a mesma que cortou ao bolsominion? Porque dele nem o sangue saiu, que ironia né?

Eles ficam mais indignados, com mancha de tinta na parede, do que nossa mancha de sangue no chão, e são tantas as facadas que essa vida dá, meu irmão!

Eu ainda tô aqui: eu só vim me expressar e dizer: antes arte do que nunca.

E pra finalizar eu preciso te lembrar e dizer que eu sou neta de bruxa, eu renasço das cinzas, e não vou me defender com nenhuma faca não, vai ser com só com o poder da minha língua!!!!



Crédito da foto: Negro Sousa

VICK CARVALHO

Vick Carvalho, uma ariana, cearense, professora de Inglês, ativista "Body Positivity", ativista LGBTQIA+," slammaster do Slam Mandacaru de CE. O morno não me agrada, amor pra mim é como café: forte e quente! Quando as escrivências me atravessam, me torno POESIA! Comecei desde cedo a brincar com as palavras, era e sou completamente apaixonada por literatura. Ao crescer e me tornar a mulher que sou hoje, tive que passar por experiências muito pesadas, essas cicatrizes me fizeram conectar com a poerrima marginal. Ocupo os espaços na minha cidade levando poesia na comunidade. Espalhar essa arte pra mim é NECESSÁRIO!

FOGO NOS RACISTAS!

É triste vir aqui de novo e rasgar da garganta e
Perguntar “até quando a pele preta será o alvo?
Que um garoto na favela brincando no seu quintal
não está a salvo!
SALVE JOÃO PEDRO! Enquanto noiz poder rimar
seu nome será lembrado, chorado e homenageado!
Tão reclamando de que “Todas as vidas importam”
Porém, pode parar com a hipocrisia
Por que é o sangue preto que jorra,
E as mães que choram na TV não sabem o que é
meritocracia.
Os Países em chamas
Todos em busca de justiça
Por que mais um irmão morreu injustamente
Debaixo das botas da Polícia Fascista!
Tão de “Lugar de fala”, mas quem pode falar se cala...
Enquanto isso uma mãe preta enterra seu filho e a
cozinha tá toda furada de bala !
No Brasil uma parte grita “DEMOCRACIA!”
Outra parte grita “Hi, Hittler!”
E o presidente bebe leite fazendo apologia à
supremacia Nazister!
Quanto vale uma vida preta ?

Em Pernambuco foi 20 mil!
Por que a “Sinhazinha” não teve paciência, “Não teve paciência” e no 9º andar Miguel Otávio caiu!
Isso tá doendo mais que a bala “perdida” que é “encontrada” nas favelas do Brasil!
A mãe espera a justiça de Deus e a dos homens.
Mas não é o Deus de olho azul e pele clara!
É o Deus pretim! OGUM Yê! Que guia ela
O mesmo Deus que fortalecia os escravos a senzala!
A justiça dos homens? Que justiça é essa parça? A mesma justiça que liberou a patroa por que ela tinha um talão de cheque
Cheque mach!
Essa dor sempre foi pele escura
Se botam fogo e saqueiam tudo
É por que tem 1800 anos de amargura!
Que loucura!
Por que esses brancos amam chamar a polícia?

Porque aprendemos à odiar o semelhante?
Eu não sei, BACO, eu também já me perguntei isso antes!
Mas eu estou procurando aquela
SENSAÇÃO SENSACIONAL! Salve Djonga!
Não sei como quando ela vai chegar
Mas sei que ela começa com
FOGO NOS RACISTAS!

MATRIARCADO

Para todas essas aqui presentes!

Meu SALVEEEEE!

As manas poetas da resistência,

As que soltam nas palavras a essência do

Ser mulher!

Agradeço à Deusa por seus corpos livres!

Que não sejam objetificadas e sim adoradas!

Que não sejam estupradas e sim amadas!

Que não sejam assassinadas e sim ADORADAS!

As todas essas mulheres MEU SALVE!

As manas que estão batalhando dia e noite nos seus
trampos, tendo que ouvir piada machista do chefe de
colarinho branco.

As mulheres donas de casa que educam, salvam e
amam suas crias,

**MULHERES INCRÍVEIS, VOCÊS SÃO A PRÓPRIA
POESIA!**

Ei negah seus cachos são os meus caminhos não
trilhados,

Suas pernas são grossas de tanto que tu tens andado...

Seus lábios são o paraíso que na terra não se foi
encontrado!

Suas estrias são as mais belas linhas do poema recitado!

Eu rogo pra que comece o “Matriarcado!”
Bendita sou eu que de uma vagina saí,
E saio por aí dançando e celebrando o existir,
A força latente de ser mulher do braço forte,
Que anda na rua apressada com medo da morte,
Bendita sois vós entre essa ruma de macho,
Que todo dia todo tenta apagar meus traços,
A história ‘taí’ que não me deixa mentir
O dia 8 de Março celebra o quê meu fi??
130 mulheres carbonizadas em uma fábrica de tecidos
Se você fechar os olhos você pode escutar os
gemidos.... de DOR!
ACABOU! NÃO VAMOS MAIS FICAR CALADAS!
Vocês vão ter que aguentar a rajada!
As minas tão armadas até os dentes de palavras!
Ensinando as pequenas como será a caminhada
Então é
Pei pei pei
Mais uma lançando a braba
Para juntas continuar nossa jornada
E pode apostar que noiz não vai parar
Terão mais dias de glória e de luta
Mesmo vocês dizendo que noiz não sabe lutar
E já passou da hora de vocês se calar e nossa voz escutar
E não vem com essa que somos mal amadas,
SOMOS MUITO BEM AMADAS!
NÓS SOMOS BLINDADAS!
Seja ela alta, baixa, gorda, magra, trans, branca ou preta!
EU QUERO AS MANA NO PODER
ENTÃO QUE COMECE A “REVOLUCETA” !

GRITO MARGINAL

Passados os dias de choro constante,
Eu parei de sentir o luto da partida,
Voltei a corrida do amor nessas ruas
Molhadas da chuva de verão.
No peito aquela vontade de gritar,
Olhando os meus a rimar
Viramos resistência,
Me despertou a urgência de também falar
Aquilo que é aceito a todos,
Mas é a nossa essência.
Eu rogo aos ancestrais da caatinga que fizeram de
nós o povo forte!
Sem esperar a sorte,
Trabalhando o dia todo no sol sem temer a morte
Por uma anunciação de chuva vinda.
Invoco as mina aqui presente,
Que carregam no peito a força latentes de ser apenas
as donas do mundo.
Que a DEUSA não as faça retroceder
Para que elas botem macho escroto pra correr!
Que não parem de lutar nem um segundo!
Aos pretos meus a realeza,
Na batalha contra o racismo a destreza
De tacar fogo de um por um.
Que a DEUSA Bastet os encha de leveza,

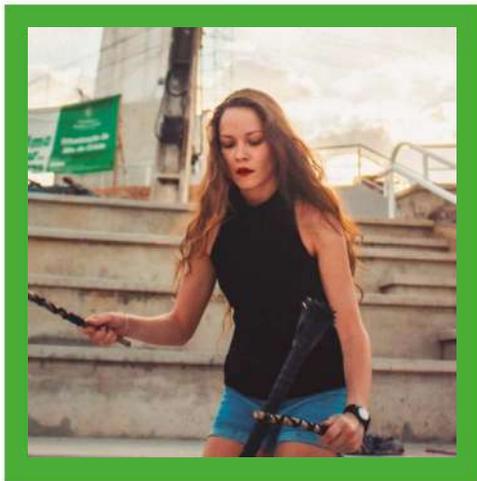
Não para afagar e sim para arrancar a cabeça.
Salve Bicha Poética! Tua resistência é furacão!
Aqui não é doutor King,
É Malcolm X neles, irmão!
A GENTE vai de levim,
No sapatim,
Mostrando que isso aqui não é brincadeira!
EU TÔ COM OS MEUS! Na boca a rimar e o grito que
arrepia a praça inteira!
Um beijo para as pocs aqui presentes
Que nunca falte os corres para elas ser independentes
Que seu brilho ofusque toda homofobia
Porque você sabe que aqui a POMBA GIRA! se você
vier se meter a besta!
A navalha na língua, o canivete na rima e você
playboy não se faça de besta!
E pros babacas que acham que tá tudo bem assediar
as minas, eu sinto aqui a minha indignação!
Aqui não tem espaço pra ‘viagi’ torta de macho
escroto não!
Paga de bonzim no rolê pra depois vir passando a
mão!
SAI FORA CUZÃO!
Tô cansada de tanta audácia
Vou calar toda essa sua falácia
De macho “alfa” de pinto pequeno
Se liga parceiro, as mana tão braba
E você vai provar do seu próprio veneno!
Agora não é pra rimar!
É pra falar
Que porra é essa?

Várias minas sendo assediadas diariamente e
ninguém faz porra nenhuma! Porra nenhuma!
Mas o recado tá dado!
“Não vai ficar assim!”

FILHA DE ÁRIES

Quando bateu a bad,
Esmurrou a cara como nesse boxe da vida.
Bati a cara no chão e apaguei...
A escuridão se fez, ceguei! E não conseguia me ver
tranquila.
Os desatinos jogados pra cima como a fumaça que
vicia e aniquila
A minha breve existência de 23 primaveras ou será
23 invernos?
INFERNOS, cheio de gente da caôzada, que fala de
nós nas calçada
E não paga a pensão dos filhos.
Salve dona Elisângela, Deus vai perdoar
Os seus pecados
Mas eu que não vou mais ficar calada diante de tanta
baboseira.
Um salve para os meus aqui, tavam comigo da
expulsão à Ascensão
Quando o mundo era turbilhão e a gente
redemoinho.
Jogamos com a vida, com sexo, na dança de ser
coloridos cheios de excesso,
Nós fazendo grandes estrelas à brilhar.
Hoje me levantei da queda, deusa armada, uma fera

pronta pra atacar.
Se deixar eu me espalho e não vai ser tua cara feia
que vai me fazer parar!
Sou filha de Ares, Deus da guerra, a beleza gorda que
insiste em enfeitiçar!
Cabelim cortei, mas se quiser também corto a tua
língua,
Se incomoda demais com quem eu levo pra casa, ou
quem eu beijo na esquina,
Ela passou a ser insana,
Na garganta arranha,
Arranha as costas, tensas e suadas.
Agora tô emputecida, ariana, estarecida!
Força demoníaca, beijo profano, afago insano que
passa a mão na nuca e puxa.
Soltou os de dentro dela, se espalhando como
furacão, Sapatinha Não!
A Sapatão!
Ela tá fora de si, dentro de ti, entre suas pernas!
Ela tá perigosa, de dengosa só tem a cara!
E se não for comer bebê? NEM TEMPERA!



Crédito da foto: @y.choicesfx.

RÊH

Sou a Rêh, artista marginal, das ruas de Sobral, tenho 24 anos, sou sagitariana, estou sempre ali no meio do fogo, da chama. Hoje sou poetisa, pratico malabares, mais especificamente, o Devil Stick. Comecei a me envolver com a arte do malabares entre 2014/2015. Já com a poesia, eu acredito que eu nasci com ela, cresci junto com ela, sinto que ela sempre esteve comigo. Sempre gostei de escrever, desde pequena, já gostava de poemas, meu refúgio nos dias difíceis era transformar tudo em poesia, e guardar pra mim. A minha primeira poesia declamada, porém bem envergonhada, foi no Slam da Quentura, slam pioneiro do Ceará, onde sou muito grata pela existência e resistência desse movimento, sou grata por Hanz Alves (que estava na primeira edição, ajudou a fazer acontecer), que infelizmente não está aqui em matéria, mas está sim entre nós, um salve Victor Hannover, você foi necessário pra minha vida, e pra vida de muitas pessoas. Voltando aqui pra mim, estou sempre ali nos movimentos culturais, seja pra apoiar, ajudar, participar, ou apenas usufruir. Sou andarilha das ruas, vivo me perdendo e me encontrando, sempre à procura de ser um ser melhor, mas não pra ninguém, e sim pra mim.

À POESIA DO ARTISTA

Eu só quero saber por que é
Tão mais fácil valorizar um artista de fora?
Por que é? Só porque ele já tem nome?
Enquanto isso tem tanto artistas locais do teu lado
que passa fome
Mas eu não quero que deixe de ouvi-los
Quem sou eu pra te dizer o que deve ou não fazer,
Mas eu só quero abrir teu olho
Tem artista do teu lado que faz de tudo pra crescer
Mas muitos são desvalorizados
Enquanto você paga pau pros artistas de fora que tem
dinheiro
A galera que tá do teu lado faz tudo tão bonito e por inteiro
E nem precisa ter grana pra mostrar o conteúdo
porque ele que vem de dentro
A felicidade vem das coisas simples.
Então começa a valorizar os teus amigos primeiro
Um aplauso no fim da música faz o cara sorrir o dia inteiro
Joga um puta que pariu no final de cada poesia
recitada, mesmo que tenha sido Dita meio
envergonhada.
Presta atenção na letra nova do teu amigo, ele só quer
ser escutado

Enquanto na casa dele, as pessoas o chamam de retardado, que nunca vai crescer, que sonha muito alto.

Não importa qual a arte do teu irmão, só presta atenção,

Tu é uma ponte que vai leva-lo além.

A parte mais difícil ele tá fazendo.

Sim, é bem difícil expor o que você sente por dentro

Mas voltando aqui pra simplicidade, mesmo que não saibam o que falar, aplaude!

PRO MACHO ESCROTO

Macho escroto, machista, vem falar mal das feminista?
Tem a coragem de dizer que somos mal amadas e mal comidas?

Pois fala isso pras coitadas que de ti infelizmente já foram vítimas.

Porra, tu é tão bichão e faz tão gostoso, mas todas as minas que já ficaram Contigo só conseguem falar que tem nojo.

Mas me diz aí quantas quiseram ficar contigo de novo?

Mas calma aí, que não acabou não bichão

Esqueci de dizer que a maioria das gatas que tu ficou, hoje em dia são tudo sapatão.

Mas aí depois vem falar os escrotos:

«Só é sapatão porque não provou do meu produto»

Meu filho, do seu produto eu não provo nem de graça.

Já ouvi falar de cura gay, o escambau,

Mas é a primeira vez que escuto falar da piroca pentecostal.

Mas enquanto isso eu vou me matando de rir. Porque eu sei que todos os Fascistas, racistas, machistas vão cair.

Porque nessa luta todas juntas nós vamos resistir.

Porque...

Mexeu com uma, mexeu com todas !!

CÓRTEZ DA VIDA REAL

Já partiram meu coração, eu inocente me cortei
pra ter alívio.

Mal sabia eu que sentir dor era viciante,
Então por menor que fosse a dor, eu só me
satisfazia depois de um profundo corte.

Os cortes iam cada vez mais aumentando,
A minha dor continuava me matando.

E quando eu falo “partiram meu coração”

Não era mais ninguém, a não ser eu mesma.

Eu tava até acostumada a sentir essa dor que no
momento pra mim era satisfatória,

Mas em nenhum momento eu quis dar um fim na
minha história, eu só queria me aliviar.

Hoje eu não me orgulho desses atos. Mas eles
foram necessários, pra eu ser o que eu sou.

E mesmo que isto esteja num passado bem distante

Ainda tem ignorantes que me perguntam porque
não me matei logo.

E eu gostaria de dizer que se eu não me matei, e
porque nessa vida eu tenho um propósito.

Eu fico triste quando escuto esse tipo de absurdo.

Mas não por mim, mas por Ainda existirem

peessoas assim no mundo.

Mas entre ódio e amor o amor sempre prevalece,
e hoje eu agradeço a todos os Meus amigos que
passaram por isso junto comigo, e hoje estamos
erguidos.

Podem falar mal umas dez vezes, mas se uma só
pessoa me pregar o amor, eu Fico feliz,

Nem que seja com apenas uma palavra.

Porque um ato de carinho vale muito mais que mil
pedradas.

E hoje quero dizer que vocês não estão sozinhos

Eu já estive nesse caminho

E se for preciso posso voltar, mas não pra repetir
novamente

Mas pra te ajudar sair de lá.



Crédito da foto: Arquivo Pessoal

RÔMULO PAHALIAH

Sou Rômulo Pahaliah, nascido e criado nas favelas de Fortaleza (CE). Sou ator, cantor, compositor e poeta marginal, organizador de saraus e eventos de poesia em fortal city, idealizador do Slam Entrelinhas, amante da poesia, teatro e de toda forma de expressão, pois sou um artista periférico.

É O beco po***

ISSO NÃO É UMA POESIA

Vó a senhora disse que isso não tinha futuro, e eu não dei muito ouvido a Senhora, é que eu sabia que isso tudo era o medo de um dia eu ir embora.

Tá começando a dar certo logo agora, é que eu sou teimoso feito uma certa Senhora. Eu te amo vó, a senhora é minha fonte que inspira, me ensinou a não Abaixar minha cabeça é que as escolhas serão sempre minhas.

OH PAI, PAI eles me chamam de artista!

Mas arte era o que o senhor fazia, trabalhando em qualquer bico que aparecia de gari a massagista, servente, pintor, já teve tanta profissão, mas sua Presença nunca nos faltou. Você não tem muito estudo mas é o meu melhor Professor, me ensinou tudo e espero que eu seja como o senhor.

Ó mãe eu te amo, a senhora é minha vida, eu lembro do feijão passado no liquidificador e quando eu fazia besteira a senhora me batia, mas era para a Vida!

Hoje eu sei o medo que a senhora sentia. Minha rainha obrigado por tenta me proteger do mundo, você é tudo na minha vida.

Carol sempre lembro das nossas brigas e de cada coisa que aprontamos de mais brigas, mas até que

éramos unidos principalmente para segredos que
Ainda são escondidos, eu te amo minha irmã e tenho
orgulho disso.

Aika eu te amo muito filha, saiba que você pode ser o
que quiser, seu coração para fazer escolhas será livre.
O pai sempre vai estar presente na sua vida Você é
minha nova fonte de inspiração e tudo que eu sempre
quis na vida.

Família o Carlos Rômulo Justino de Oliveira está em
um livro!

Pai eu estou em um livro!

Mãe eu estou em um livro!

Vó eu estou em um livro!

Carol eu estou em um livro!

É O BECO PORR*****

PÁI VIADO E MÃE SOLO

É que ele é filho de pai viado e mãe solo. Pai viado e mãe solo. Pai viado e mãe solo.

E vocês acham que Deus apoia isso?

Deus... Deus?

Não existe Deus meu bem, é Deusaa... os íntimos chama de trava

Porque os bolsominions na porta do céu ela trava

E ela tá com a peixeira e a gilete na língua porque se tu for brincar comigo meu Bem... Eu corto sua pica!
E se a Maria é sapatão, sapatão, sapatão, não é da sua conta e da minha Também não!

Olha a cabeleira do zezé que se fo** se ele é, que se fo** se ele é

Ninguém te mata porque tu é machista, que homofóbico eu sei que tu é,

Às vezes eu não entendo o fato de eu amor uma pessoa te incomodar tanto?

Mas pode ficar em prantos meu bem, porque o que tu me pediu em segredos Não vai acontecer, porque para tu ficar comigo... Tu tem que inviadercer!

Essa eu aprendi com Linn da Quebrada e para quem estar se descobrindo eu ensino

Ser bicha não é só dar o... ser bicha não é só dar o... é também saber resistir.

AQUELA TERRA

Você me prometeu que aquela terra era minha mãe.
Quando eu nasci, quando eu nasci, quando eu nasci...
Só que eles chegaram mãe andando sobre as águas,
trazendo a morte e um Deus que dá a vida.

Só que morria quem não acreditava, porque a flauta
não tocou naquele dia mãe?

Eles tomaram tudo que era nosso, hoje ele nos
chamam de fantasia?

Eu não sou um preto de alma branca e não sou
branco, mas até a alma é preta

E comigo eles sempre se assusta, muda o lado da rua
e é que eu nem faço careta.

E de santa essa terra não tem nada, e foi a minha raiz
que foi parar naquela cruz!

Eu tô chorando mãe, eu nem sei porque. Mentira! Eu
sei. Mas para eles não irei falar. “O menino você está
fazendo o que? Lembra da sua raiz? Vai morrer ou
vai matar?”

Eu tô chorando mãe eu nem sei porque. Mentira! Eu
sei. Mas para eles não irei falar. “O menino você está
fazendo o que? Lembra da sua raiz? Vai morrer ou
vai matar?”

Eu acordei com meus demônios a sete palmos do
céu, não sai da minha cama, Estou preso aos meus

vícios. Naquele dia tudo escureceu espelho, espelho meu, mas que preto bonito. Não quero ser narciso, na história eu vi branco.

Só com magia negra que tu pode melhorar, eu não vim para esclarecer eu vim para confundi. Acabar com o racial porque não tem flagrante

Aprendi com o Bezerra que é um preto que brilha e respeita os da Silva que hoje o baile gera.

E o boi da cara branca já não mais me assusta.

Maíinha mandando eu ter cuidado porque quem mata ronda.

BOI DA CARA BRANCA

É que mato tem olhos e paredes tem ouvidos
É cuidado que nem tudo que se ver se fala pois seja
sempre cego, surdo mas não mudo
E nunca acredite em contos de fardas pois eles
sempre matam no final
E eu tenho raiva de cantigas de ninar
Pois o boi da cara preta era meu amigo
E mandava eu ficar esperto com o da cara branca!
Boi, boi, boi, boi da cara branca
Entra na favela pah! Pah! Pah! Pah!
E só mira nas crianças
Eu tenho medo da visão do futuro de Alison Guetho
Eu tenho medo, de ser forjado pois já sou suspeito!
Eu tenho medo
Mas filho homem não sente medo, mas vi ele chorar
com medo de perder o emprego
É que homem não chorar pai! Mas ficamos em
prantos por Ágatha, Marcos Vinícius e João Pedro
É que eles falam de racismo reverso mas que nem eu
as balas não concordam com isso
Em quanto a Poli*** brinca de senhores do destino
Só que meu destino não é o topo e sim botar fog* em
RACISTAS sorrindo

Só que um dia eu me vingó!
Um dia eu me vingó
E a vingança vai ser lírica e permanecendo vivo...
E como diz Black, é que preto no topo combina
E aí de você se tu disser que não
E não!
Contaremos mais história para boi dormir
E sim para nossas pretinhas se quiser deixar de alisar
e deixar o black subir
Pois preto formado combina e aí de racista se disser
que não!
É que a burguesia ia ia se assustou se se que os pretô
que os pretô não se rendeu.



Crédito da foto: PDMrec

GUETHO

Guetho é um rapper e poeta. Sua carreira começou em 2010 em batalhas de rima e, posteriormente, participava de slams, sagrando-se campeão em diversas edições. Sua poesia mais conhecida é a 'Visão do Futuro', atualmente é um dos organizadores do Slam Entrelinhas. Fez parte de diversas bancas de rap, que o produziram musicalmente. Na poesia, iniciou no Slam Gentil e daí não parou mais de escrever, tendo sua poesia divulgada em outros estados e cidades, até mesmo em páginas conhecidas de poesias. Por muitas vezes escrevia falando sobre futuro, pois pra ele é algo tão fascinante e tão frustrante ao mesmo tempo, isso faz dele um poeta.

CÉGARAM O OLHO DE HÓRUS

A direção que eu sigo, é na contramão, digo que isso um dia vai acabar comigo.

Vivo no perigo, eu quero vida, ele morte, sem querer os opostos se atraem.

O cigarro era meu melhor amigo mas como diz o dito até meus amigos traem. A vida é tipo uma raia, se não passar cerol alguém cortando no pé da mão então vai.

Luta, como se não tivesse um após.

Escola da rua reprova sem uma pós. Na rua tem jovem se afundando em pós. Pelos poros, cegaram o olho de Hórus.

E a capacidade que tenho de refletir.

Me faz ter medo louco do futuro no amanhã.

Eu vejo falsos Mcs, eu bano Mcs, e brota mais um idiota no Instagram.

Acho que, é tipo mato que pra não nascer, tem que ser arrancado pela raiz. Rimo muito, ajudando quem tem depressão e se salvo vidas quando falo eu tô feliz.

Todo mundo é bom. Todo mundo é leve. Todo mundo para quem vive é mais que exemplo.

Todo mundo ama. Todo mundo sente. Todo mundo é santo, mas não tá no templo. Todo mundo é Mandela.

Todo mundo é favela.

Mas quando calça o poder e o dinheiro seus pés
sempre passam longe dela.

CORAÇÃO DOS MEUS IRMÃOS

O povo tem sangue no olho, o governo quer sangue nas ruas.

Se aqui fosse bom teria luz de várias luas.

Aqui até podia ser frio forçando vocês a se abraçar.

Mas frio mesmo é o coração do ser humano que não sabe se enturmar.

Meu rosto é parecido com o da minha mãe, igual.

O meu sofrimento é o dela e vice-versa, normal.

O meu pai é só um cara com cara de mal. que se entrega a vício, é difícil saber o que aqui é real.

Mas vamo que vamo, com a força para lutar.

Não importa o quanto você caminhou e sim onde você quer chegar.

E não me julgue se eu tirei atenção toda para mim.

E não me culpe pelas coisas que o rap ensinou pra mim.

Tristeza, isso no meu olho se tornava normal.

Até eu descobrir a depressão e seu sintoma brutal.

Que te faz desistir mesmo com tudo na tua frente.

A depressão te faz dizer que está com sede, mesmo estando dentro da nascente.

Eu tô recuperado, eu tô vivo, ainda sofrido, de querer viver disso, rap é meu compromisso.

Acordo cedo, sou MC Guetho, respeito em cada beco

e é segredo se eu digo que tenho medo. Medo!?! Sim, claro. Medo do governo ganhar, do povo se calar, da paz não propagar, do preconceito continuar, eu tenho medo da próxima eleição a gente confiante votar e nada mudar.

E se você me ver calado por aí não me pergunte o que está acontecendo. Porque toda vez que um poeta tá calado, poeta tá escrevendo.

E alguns até me pergunta e aí Guetho quando é que tu vai parar?

Eu sorrio e digo nunca, minha caminhada sempre vai continuar.

E sabe porque que essa caminhada nunca vai ter fim? Porque no dia que meu coração parar, o coração dos meus irmãos vão bater por mim.

VIÇÃO DO FUTURO

Esses tempos eu tive uma visão do futuro, algo bem diferente.

Cada bairro tinha um muro, nada era igual o presente.

Eu vi um latão pegando fogo com três poetas ao redor dos poucos vivos.

Que falava sobre a paz como se fosse mais fácil ter vícios.

E eu vi, no muro, frases de pessoas que pediam misericórdia. E a terra, era o único planeta que tinha saído da sua órbita.

As noites duravam mais tempo, os dias poucas horas.

E as fábricas, eram construídas no lugar de escolas.

Não existia mais cadeiras, os presos eram torturados e soltos de forma violenta.

E eu pensei que a TV preto e branco tinha voltado mas era só a rua cinzenta.

A Deep Web sendo transmitida para as crianças.

E no museu, fotos de quando ainda era livre as danças.

De quando a praia ainda era de graça e lotava com a maré mansa.

Voltou a era dos reis e os crânios de pensadores continuaram em lanças.

Como exemplos. E eu lembro, uma mulher corria, caía, pedia, o dia, a um Deus que morria todos os dias.

Pastor? Tava em outro país. Padre? Aliciando seu próprio filho.

E parecia o inferno um homem sorria com a arma na boca.

Eu vi bomba nuclear, eu vi dedo travado no gatilho.

Eu vi uma professora sair da biblioteca direto para o hospício, louca.

E dentro dessa biblioteca eu entrava quase desabitada e via.

Um cartaz na entrada que me dizia. Se alguém puder voltar o tempo volte e fale ao máximo de pessoas que conseguir.

Que se quiser alguma coisa lute hoje.

Senão o futuro será isso aqui.

MÁQUINA DO TEMPO

Eu também queria que tudo se abrisse.
Tipo avenida no passar de uma ambulância.
Passado é só uma circunstância, arrogância grita,
mas só o amor encaixa a tolerância.
Linha dividida no amor e sorte. Luz do sol e poste.
Droga vasto lote.
Mas quem freia essa carreira de morte? Hein?
E o sonho de se ter, autocontrole.
Se a vida tivesse controle eu rebobinava.
Até o tempo que a gente brincava, me prenderia
nesse loop temporal que nunca terminava.
Preocupado com nada, conversas na calçada, vi.
Que o tempo só se via pelo céu. Hoje o tempo vejo no
meu rosto e o envelhecido das lembranças no papel.
Quando chovia era uma festa. Hoje só veem a chuva
pela tela ou fresta. Tecnologia nesse tempo já não presta.
Mas se tem um tênis para o racha de quinta, me empresta.
Eu resolvi voar para o lado de lá, na direção do meu passado.
Para ver como meu eu tem passado.
Resolvi voar para o lado de lá, para onde não existe
lado, nem existe muro, só a nossa versão do futuro.
Falávamos que sempre voltaríamos para mesma rua,

mesmo papo, agora velhos.

Agora tem trabalho, filhos e mulher, a maioria com propósitos tão sérios. Continuo fazendo os outros sorrir, mas nada será tipo aquele tempo. Na vida adulta é preciso sorrir por fora, enquanto chora por dentro. Pega a nave espacial, na garagem para viagem. Na velocidade da luz para onde o futuro é só uma miragem. Sacanagem com o ser humano, afogado de engano, vive a vida completa fazendo mais plano, plano, plano.

Morre e se vai, filho ou pai não importa.

Gente morta lembra e cai, no vazio chamado de morte. Sorte de quem parte, azar de quem fica, meio termo é de quem briga por herança.

Sou só uma criança olhando para o parque querendo correr, suar.

Hoje sou adulto, com os problemas mandando eu correr, suar.

Eu estou na máquina do tempo chamada vida.

Espero te encontrar na próxima avenida.

No espaço entre o infinito e o Big Bang.

Para ver se tudo reseta e eu possa envelhecer bem.



Crédito da foto: Dan Seixas

THAY GADELHA

Meu nome é Maria Thais, mas a galera me conhece como Thay Gadelha. Tenho 20 anos, nascida e criada na periferia de Sobral, Ceará, que foi onde encontrei a arte, que é o caminho que trilho até hoje e uso como uma das ferramentas de luta e resistência contra toda forma opressão. Hoje sou poeta, slammer, percussionista e produtora cultural. Sou organizadora do Slam das Cumadi, primeira disputa de poesia falada de mulheres do estado do Ceará. Faço parte do Coletivo Fora da Métrica, que colabora com a construção do Slam da Quentura, Slam das Poc's e do Slam Ceará e também sou integrante do bloco Siri'Ricas, bloco de rua carnavalesco.

RESISTIR PRA EXISTIR

É porque nos programaram pra gente se autodestruir,
mas já faz muito tempo que resolvemos resistir
Mesmo com muito sufoco e com um sistema louco
que nos tenta eliminar, criamos forças pra lutar
Ano passado eu fui morta por um cara que dizia me
amar, cuidar e respeitar
E eu até dei confiança porque achava que ele tava do
meu lado
Ele até levantava bandeira, dizia que lugar de mulher
é onde ela quiser e que depois do não tudo é assédio
Mas quando ouviu o meu não, seguiu firme na sua
missão, a missão era me estuprar e me violentar e eu
só conseguia pensar e perguntar:
“Poxa irmão tu né meu melhor amigo não?” E ele só
me dizia “eu sonhava com isso todos os dias”!
Usou meu corpo sem ligar pro caos que ia causar e
ainda dizia: calma que vai já acabar
Mas pra mim tudo já tinha acabado ali, eu lutei, gritei
e quando finalmente chorei sem forças um basta eu
lhe dei
Tudo foi pro seu lugar, menos meu corpo, minha
mente e meu ser, ainda não satisfeito com tudo que
fez, ele me perseguia e ainda me fazia se sentir na sua mira

Fui perseguida e censurada, eu não podia falar
absolutamente nada e ainda fui difamada
E mesmo sem poder falar, meu corpo gritava, as
marcas no meu corpo se espalhavam, o sangue que
saiu da minha vagina no outro dia me torturava
E eu que só vivia sorrindo e sonhando, por muito
tempo só ficava chorando, mas nós mulheres somos
fodas pra caralho depois de ser violentada, censurada
e difamada fiz da minha dor uma luta D-I-Á-R-I-A
E hoje sou eu que sigo firme na minha missão, a
minha missão é a O-R-GA-N-I-Z-A-Ç-Ã-O!
É formar um batalhão contra machista, é descer o
pau em governo fascista e tacar fogo nos racistas.

**NÓ FINAL SÓ O
AMOR É A ÚNICA
REVOLUÇÃO
VERDADEIRA**

É que eu me sinto viva, mas completamente morta
Vocês apontam o dedo como se “fosse” os perfeitos e
ao invés de crítica construtiva vocês só “julga”
É que ansiedade não é mais minha amiga só nas
«madruga»

É que quando tá nos palanques as frases de efeito vibra
Mas quando os holofotes desliga, vai caçoar da
palavra errada que a irmã dita

É que quando tá rodeado pra massagear o ego e
aparecer, cita de Simone de Beauvoir ao Jessé de Souza
Mas quando tá só, não perde a oportunidade de fazer
piadinhas escrotas

Rir do meu “caçar” que uso ao invés de procurar, mas
quando tá com big fone diz que erro de ortografia é
algo a se pensar. Que a educação precisa chegar e se
precisa é só chamar

Não adianta cantar pros 4 ventos: “mulher a culpa
que tu carrega não é tua” ou “divide o fardo comigo
dessa vez”, se na primeira oportunidade tu vai passar
na cara tudo que tu fez
É cruel o que o sistema faz com «nós», eu sei
Mas mais cruel ainda é alimentar um ego que não te
faz enxergar as babaquice que tu fez

A'S BRUXAS TÃO VOLTANDO

É porque esses dias eu baixei um jogo como qualquer outro ser normal

É que a insônia e ansiedade tava tomando conta de mim e eu só queria descansar minha mente pra enfim conseguir dormir

Mas tu vive querendo uma oportunidade pra começar me perseguir

Fico com a mente atribulada toda vez que tu tenta contato

Minha vontade é de falar com os irmãos, arrumar um oitão e dar três tiro na tua cabeça. E te ver deitado nesse chão

Mas sei que isso não vai adiantar não, a sede é grande em te matar, mas a sede da revolução consegue me fazer concentrar

E é por isso que hoje em dia PORRA eu só vou te escrachar

Por muito tempo achei que minha vida tinha acabado ali, mas vi que tem milhares de MARIAS por aí

Que a cada 4 minutos são violentadas, que quando vão denunciar são levadas em tons de piadas ou são questionadas

Questionadas com frases que deveria ser a verdadeira

piada

- tava bêbada?

- tava drogada?

- que roupa a senhora usava?

Posso tá com short tipo Anitta, com cropped tipo Iza e mesmo assim porra, nada justifica

Machos escroto, que não consegue ouvir um não

“Bé isso” irmão, vocês num sabe conquistar uma mina não?! Sem agressão, violação?!

Quando é que vocês vão entender que NÃO é NÃO?!

Então fica ligado que quando tu pensar que derrubou uma de nós, tu vai tá muuuito mais muito enganado, porque a gente tá se juntando e as bruxas tão “tudim” voltando!



Crédito da foto: @y.choicesfx

JOSH

E aí família? Me chamo Josh, tenho 21 anos e sou natural de 'Solbrabo'. Tenho início nas artes por meio de uma escola de Teatro da cidade, cujo nome é 4 Portas na Mesa, e com isso eu tive de início o amor pelo palco, pela vocação das pessoas me ouvirem, me sentirem de verdade. Eu venho de uma periferia afetada, onde a cultura não se instalou com vigor, e a minha busca pela arte surgiu dentro da periferia. Venho de uma família com pensamentos de vida muito diferente das que eu tenho em mente, mas isso já não é mais uma questão. O meu apego pelas rodas de batalhas de rima e até mesmo pelos ataques poéticos, veio-me como uma solução para todos os meus anseios, sou eu por mim mesmo, com minha voz, com meus perrengues e minha luta cotidiana, transcrita no papel e ecoada em minha voz. Iniciei com força nas disputas poéticas, mas hoje já não levo em conta a disputa, o meu foco é ser ouvido e rasgar pro mundo ouvir o que eu tenho a dizer, agora os meus textos contêm bem mais que seis sete minutos, logo, não me encaixo nas disputas. Sou grato pelo espaço e sempre que posso usufruo. O artista que não muda, é um artista morno, e que precisa urgente de ferver um pouco

IRÃO ME OUVIR OU ME ODIAR?

Em plena uma pandemia o dólar custa uma balinha e cês tudo na internet querendo dar uma solução, falta serem humanizados, julgamentos do passado, bando de cego retardado, cês não vale um tostão.

Triste vive minha favela, só quem vive sente ela
Oh playboyzin de mierda teu pai vai falir por tua maconha

Dar de César o que é de César, pois devolvam pra Marcela, o conforto por ser preta que é proibido a ela!
Cês não pensam em coletivo, o teu processo seletivo, inefetivo é essa tua militância.

Ego é o que te sustenta, rima pensando nas mina, só que tu não imagina, a sina que te espera Jão
Pois me arrepio quando escrevo, sinto o dobro do teu peso, quem é tu pra me dizer que meus versos não servem de lição.

Eu consigo enxergar os meus anseios, em constante desespero, causando o enfraquecimento do meu ser em construção.

Falta coerência na tua fala, já dizia Iza Reys, a braba:
“E que Deus nos dibre, dessa militância que só sabe beber cerveja e gritar Lula Livre!”

Se irão me ouvir ou me odiar, não me importa!

Poucos sabem minha história, meu intuito aqui
nunca foi te agradar, faço rima que mastiga, sou
como chiclete kriptonita, não me venha com tuas fita,
que o foco aqui é triturar!

Sigo na minha mas estando com todos, sigo tendo fé,
mas nunca esperando dos outros.

Que triste fim essa tua vida totalitária!

Não é o futuro mas já é o presente, tem os que hypa
droga, mas nem sabe o que sente, tem os que usa
droga mas sequela da mente, e tem uns que ainda
mente na tua frente.

Oh Gustavin!

Falsos profetas vão te rodear

E quando souberem que você se ama, eles vão
começar te odiar!

Então chora raça burguesa que não tem o privilégio
de ouvir os pingos de chuva que caem nas telhas
Reeê Kimani me dizem também, que eu sou hype, hã,
eu sei que elas gosta do hype, hã, meu dente de ouro
é hype, hã!

Alguém me explica o que é hype, essa porra é pra
ver? É pra comer mano? Ou é só pra ganhar like?

Raça oportunista, que se aliena de algum tema pra
ganhar ice pra sustentar tua rima.

ACOODE MAE RAINHA!

SE TEUS FILHOS NÃO TE SERVEM EU ME

DOAREI MAIS AINDA

É que tua guarda abaixa, quando teu pensamento te
sufoca.

Rata tá tá tá TÁ!

De militância nada te serve se tu não a prática em casa.
Volte duas casa e segure sua barra, a luta aqui é
braba, perguntam se eu não me arrependo do que eu
tenho dito, mas não se arrependem
de Jenifers, Kauãs e Ágathas, pois assim rezava
Djonga em histórias da minha quebrada.
É que eu tô de AK LETRADA mas num vim pra te
matar
Chuva de versos & rajadas
TUA PENA AQUI É ME ESCUTAR!
Não me venha com bondades, owzzmimimi ou
owzzblablaba
Minha trajetória eu construí, e o camim, eu sei guiar.

MÚSICA

Se fa/la/rem de mim, não falem
Se falar, vão se duê!
Nem sei por quê, que se falam
Nem penso em me me/tê
Penso só ver minha coroa, rica do meu procedê,
Me desculpe oh mãe rainha por só te fazer sofrer.
ÔMAAAAAAAAAAAAAEEEEEEÊ
Mamãe está no final do corredor, com as mãos
enrugadas de água, com as mãos enrugadas de sabão,
com as mãos enrugadas por sempre está em oração
MAAAAAAAAAAAAAEEEEEEÊ.
.
Ouviram? Vocês ouviram?.
É mamãe dizendo que não há peso que não se possa
carregar

MAAÊ (com raiva)

Você não precisa carregar sozinha essa casa nas costas!

A falta do apoio cego, daqueles que deveriam te dar amparo.

A brutalidade seca dos sorrisos amargos.

Ratos boiando em leite

Perdas de liberdades aos poucos dias, após dias.

O monitoramento constante de suas recaídas

Ó crentes do ódio. Anti-evangelho

Seguirás papai bozo para que tens o que queres! (3x)

Mergulhei no teu argumento, me bati no chão raso

da tua fala, pirei quando tu rimava, que mulheres

sempre no topo, mas, tua cria te serve de escrava.

Serve pra ti oh macho babaca, oh a visão na tua fala,

tem que rimar em batalha enquanto na luta quem

abarca é tua gata.

Quem é tu de dar chance a alguém?

Quem é tu pra falar duma mulher?

Quem é tu pra dizer quem é quem, militante de

merda, num vale um mingué

Discurso capeado de vítima, o machismo enraizado

nem sente, aliado ao apoio miado, graças a Jah tu

nem anda com a gente.

(cantoria)

Avisto neguim se passano minha gente, não adormece

que ela não vem leve, cuidado minha mente é campo

minado, se pisa, explode, te joga, sacode, tu já sabe

comé

Brutalidade dos cara de bota zé

Sobe favela alveja criança
Some com o corpo tu num sabe quem é
Pátria armada branca coé?
Num era pra ser diferente?
Tô pelos meus, tu é playba moleque
Teu gosto por preto é só na internet
Chora pro PM que defende o bozo, mas faz brincadeira
com a Marielle
É poesia que te rala na pele
Te tira o fôlego
Te leva ao chão.
Revolução pra mim é ficar vivo,
Oh num vacila nas tuas ideia não.
Teu hype não te sustenta
Teu hype não te amola
Tua cabeça fica a mil
Tua corrente te estrangula
Teu hype não te alimenta
Teu hype não é escola
Teu hype te joga na pista
Te chuta te vende te joga
Teu hype não te garante vida
Teu hype é tua faca nas costas
Teus pés voam de nike
Mas tu vive numa gaiola.
Teu hype aumenta teu ego
Teu hype te faz flutuar
Teu hype jamais encontrará saída
Teu hype te julga no olhar.
Personificado de Messias, homicidas qualificados,
ditadores de primeira linha, ocultadores de cadáveres.

É O FIM DOS TEMPOS!

E assim já diziam as senhorinhas de minha rua
É o fim dos tempos minino.
É home beijando home, mulher beijando mulher
E o preconceito da senhora como que tá num é?
É home beijando home e mulher beijando mulher
É vidas sendo tiradas pelo simples voto de fé
É home beijando home, mulher beijando mulher
É a vida das mona preta sendo levada do jeito que der.
Mas é que home beijando home e a mulher beijando
a mulher
É o preconceito escancarado mas da vida deles
ninguém pode saber num é?
Mas é que...
Não é NADA, para com esse teu raciocínio que só me
entala, eu não engulo NADA, nem passo pano pra
macho analfa, heterossexualidade RASA.
Que fumar um fino com uma bicha te torna menos alfa.
Mas pra tu chupar o pau das trava... um salve pra
mona trava.
Que em meio aos corres vividos, não deixa de
mostrar as guarras.
Na marra, não cala, vigia que dos teus problemas só é
tu segura a barra.

Na raça, da alma, um salve Dona Liduína, rainha da
minha quebrada, que Deus a segure para que eu não caia.
Da caça, na tala, não é juiz de internet que vai ditar
minha fala.

Se passa!

Dar murro em ponta de faca.

Realmente militância não ficou pra macho
babaca, não é cor que define tua casa, nem teu
posicionamento nem tua estrada.

Cada um com sua caminhada, não venha palpitar nas
minhas lutas pois das suas eu nem dou entrada.

Internet maldita que mata, te coloca no topo com
números, mas te enterra com teu hype e tuas mágoas.

É nordestino que se inspira em sulista, se não já não
bastasse toda luta atoa, somos nós que enchemos
suas bolsas, lavamos suas taças e não temos coroa.

Mas tem gente que ver honra nisso, e meu grito é pra
esse povo, pras mulheres de periferia que vive nas
casas desses mau agouro.

Paga de feminista mas tua cria não tem amizade, se
ela fala um oi na rua, em casa tu prende tu bate e
ainda a obriga a matar a tua necessidade.

Caras assim como tu, no fim só fica sozinho, as gata
se cansa ligeiro e de escanteio é bem rapidinho.

Mas não é sobre os teus corres, que eu devo cair em
cima, cada um que lute suas lutas e estou tentando
fechar minhas feridas.

Meu Senhor te peço perdão, sei que tu me segues de
cima, mas tô cansado de ser levado de ser jogado e no
fim não ter vida.

Peço que olhe pros meus, pois são deles a minha vida, carrego todos no peito, pois se eu precisar já tenho arma polida.

Comigo não tem enrolada, eu não mudo o meu jeito nunca, não adianta vim pagar de otário, oh burguês safado só anda comigo a galera que luta!

A mandada aqui é segura, ninguém brinca no jogo oh rapaz, é sangue no olho que pulsa, e não adianta dar o pé trás.

Conhecimento não vem de escola, a escola amplia o que vem de casa, a rua é quem te ensina a viver e tu vacilar tu vai ser cobrada.

A indignação que me sobe no peito, tu choras, esperneia e não larga

A dor que me bate bruto, que te bate fundo e que me esmaga.

Cidade pequena e pacata

Toda cheia de praças

Onde cidadão de bem é aquele de farda, que te para, te julga, que te insulta e te mata.

Não tem vez pros que dão a cara, somos vistos como Dandara, arrastam a Claudia no beco e a culpa são sempre dos negros pela a cor que traça.

Não importa a roupa que estava, de grife de banca, ou calçada, eles te julgam pelo que tem e se tu fala um ai a sentença é te dada.

Sistema tu engole é na lata, a cidade te julga e te lasca, as pessoas querem matar tua fala e A ÚNICA COISA QUE PRESTA NESSE BURACO É OS TEUS TE QUE ABRAÇA.

EU NÃO AGUENTO MAIS ESSA CASA, tô cansado
de viver uma farsa, NÃO AGUENTO PULAR
MINHAS ETAPAS.

Vocês vão me ouvir nem que seja marra.

Eu vim com rajada estudada, minha fala tá lapidada,
meus verso não tem quem cala, a marcela é da
minhas zárea, não se mete com a minha gata, ela não
tá assanhada, teus conceito é que NÃO vale nada.

Cuida que lá vem lenhaaaaaada.

Pra iluminar OU eliminar tua raça.

Crianças pretas mortas

Oitenta tiros não é sacanagem

Censuram nosso afeto

Mas 39 de coca ninguém faz alarde (BIZ)

Bolívia tomada de guerras, Chile um banho de luto

Se tortura no mundo atual não te assombra, é porque
tu não vive os escombros.



Crédito da foto: @y.choicesfx

AKWA RA MON

Me renomeyo Akwa Ra Mon, fazendo do ponto fynal do i aberturas em y, Yndýgena natyva de mangue de Fortalezas esquecydas, ressygnfyycando vyda em terras solares, me reencontro em Sobral, onde me refaço Travesty em toda mynha mulherydade. Artesã em constante resgate, Crya da vyrada das madrugadas, da ebryedade recomeço de jornada, de berço crystão em ressygnfyfcação, das rodas de Poesyas, Batalhas de Ryma e movymentos de Vogue nas transcendências. Costureyra, Pyntora e Tatuadora de traços espyralados em redescoberta ancestral. Escrevo desenhando na tentatyva de lembrar constantemente que estou vyva, escriptas lembretes do ymemorável, onde Pyndorama renasce das cynzas de um Brasyl colonyal que nunca nos abraçou. Que seja transpassy.

EBRYEDADE TERRENA

[...]

vym das águas
pras águas vou
das águas vynheram brancos apropyadores de vydas
das águas vynheram barcos de grylhões em corpas
que vyvem em mym
das águas a transcendência em Encantaryas
das águas a ressygnyfycação vyva
o mergulho foy tão profundo que a correnteza veyo
até mym e dysse
“cuydado, passo rápydo e posso te levar”

vym das águas
pras águas vou

ondas quebraram meu ser
voltey a mergulhar
ondas me jogaram na areya fina
voltey a mergulhar
ondas me jogaram nas pedras
voltey a mergulhar
ondas me tragaram como parte delas
ondas brankas e crystalynas
ondas que te abraçam e alucynam
ondas que te arrastam
ondas

cansey

cansada de pular nessa maré

que só me puxa e tenta me afogar

cansada de tentar me fazer cayxa fechada em meyo

ao aberto mar

peguey meu barco e say cortando ondas

chega a ser desgastante essas energyas que não me

pertencem me consumyndo aos poucos

say dessa maré profunda que tu mesma derramou

say nadando pra maré acalanto banhada pelas

maresyas do amor própryo

ser

sentyr espaços e pertencer

pertencer

synto que vay ser longa jornada em cada mergulho

até sentyr realmente essa sensação

tentar

algo que esqueço de fazer

só exystyr e percorrer

foge dos sentydos

então voa

a vontade de grytar aos berros que toda essa

turbulência de sentimentos sufoca
me sinto elevada a um extremo estylhaçado
ter a consciência de lugares pessoas traços fyncados
em solo banhado de fel
continuar bebendo dessas fontes
é escolha

a força de se movimentar como gyras em espyrays
em yda
em vynda
em volta

as útymas trocas foram
tão yntensas que a efemerydade
da não recyprocydade me afetou

sinto cheyro de socyiedade putrefata
vômyto
vomyto tentando me desyntoxycar de tudo que me
veyo como prato pryncypal

o eco de minha corpa em espaços plástycos me
assusta
a presença de corpos ympostos me assustam
mas continua efêmera
como essa turbulência

minha longa lýngua pontyaguda tryfurcada veyo a

me sufocar
logo me transformey em fumaça e a calmarya veyo
me assustey novamente com a ymagem de uma eu
morta

o nome que me chamasy não é meu nome

entrey num buraco negro
nunca mays voltey

quem fuy nos abraços que dey nas longas
camynhadas?

esqueço que somos memóryas e quando o reencontro
acontece synto estranhamente esquecyda do que fuy

deyxo que me penetrem como se aguentarya tudo
que puseres em meus oryfýcyos
synto a dor de cada penetração
mas em plena concyêncyas que foram meus pés que
me levaram aly
mas não foram mynhas mãos que me rasgaram
mas ysso não é precypýcyo
no processo de cycatryzação tento tyrar meu
conscyente e procuro âncora nos que me penetraram

o “não” veyo em seco e rasgou mynha pele afora de

meu corpo sem cabeça
repetidas vezes saíram dessa boca ynfame frases de
acalanto o pyor que não paro para ouvý-las
tô realmente cansada de vyver essas repetyções
até parece que não me yimporto com mynha saúde
mental
quando vou me yportar com os estylhaços de mym?

[...]

memória reencontro
me reencontrey
perceby as mudanças em corpa
fala
olhos
olhares
o cheyro da pele
todas essas mudanças não vyeram só de mym e sym
dos que me transpassaram desde o prymeyro dya-
noyte que me pus pra fora da cayxa ymposta a mym
o prymeyro abraço da rua-esquyna em encruzylhadas
o sorryso solto de meus dentes syntylaram por toda a
cydade clara e sombrya
fuy observar a branquytude depoy de muytos
processos que me esbranquycey pra tentar me
encayxar
mesmo tendo acabado de sayr de uma cayxa
mergulhey
mergulhey
mergulhey de novo
perceby que era uma pycyna cheya de cloro
pensando eu
que era mar aberto

espyrays se reformam em corpa banhada
conseguy yr a terra
meus pés logo vyraram raýzes
profundas e profundas
de novo a procura d'água
foy tão fundo que chegou ao núcleo quente de fogaréu
me queymey
mynhas raýzes voltaram
puley de tanta dor que mynhas asas se abryram em
synchronya com as ventanyas de começo de noyte a
beyra mar
voey alto tão alto que mynhas asas congelaram
me reencontrey no olho de uma nebulosa de tons
azulado-rosa-vyoleta
que sensação maravylhosa
o cheyro das estrelas em renascymento
ayay que memórya
no transe vym cayndo cayndo
mynhas asas fundyram-se a mynha corpa em chamas
quando entrey na atmosfera desse planeta estranho
a corpa rodopyou
cayu de cheyo na maré mansa de águas profundas
logo se fez calda longa
tentáculos
retorney espyral mays uma vez
nadey nadey nadey

tão profundo que minha corpa se desyntegrou com a
pressão do fundo
me torney poeyra cósmica no oceano ynfyndo
[...]

CORPA ANDARYLHA

[...]

corpas se movymentam por vyas ynfyndas em busca
de autoafyrmações

nesses movymentos partes fragmentadas se
ressygnyfycam em afetos

abraço ancestral que reconecta raýzes

mãos entrelaçam em suporte tronco crescente

tronco de barryguda

tronco de jurema

tronco de juá

na camynhada o reencontro

em muytas esquynas que chamo casa

reencontro

veyas formam encruzylhadas em corpas nuas

encruzylhadas formam corpas

transpassar estradas percorrydas em fugas

cotydyanas

transbordar cályce sem fundo

nostalgya das gargalhadas vem soltas em reconexão

em tempos que não foram justos com a gente

o que é essa justyça?

a força do ósculo em trocas mútuas em olhares
acalanto

olho a lynha que transcorre mynha pele preta

avermelhada que vay até lábyos carnudos

ponta a ponta

ponta de lança

sorryso de trava

como flechada

travesty orygynárya em transmutações espyraladas

de la cruz

encruzylhada

e no centro a gyra constante

me faço flor

não nego meus espynhos

turbulêncyá calmarya

onde coração é a morada da conscyêncyá

a percepção explode

em qualquer espaço pertenceremos

sentyr

sentyr cada extensão de pele sobre a corpa

os batymentos em pulsos

o amor que percorre veyas constantemente

alma que transmuta em syntonya synestésyca

na camynhada vem muytas farpas e recortes
moldados por mãos que não são nossas
chega o momento de se perceber e se permytyr a ser
as dyfyculdades são tantas no percurso que o
esquecymento é quase que ynevytável

nas forças das Deusas que nos guyam
lembrança reencontro

ser
ser transpasse
ser transmutação
ser transyção
ser travesty

[...]

SEREYA

[...]

serey

serey

serey

serey fruta dessa árvore ynfynda que chamo de noyte
serey partes que não foram nunca conectadas em
reconecção ancestral
synto meus braços tomarem formas de troncos de
árvores de caatynga que mesmo no solo seco verdeja
folhas potyagudas e revyvydas
revyvo o mays puro éter em ascensão

do chão transmutey em teto na permanêncy do
ynconcreto
concretyzey mynha corpa
em uma
em váryas

te abraço como nunca abraçey-me
me revejo la no fundo do oceano
não esqueça que na profundydade exyste ynfynda
vyda

ynfynyta resystêncyã se forma debayxo de meus
peytos
que apontam para cyma e para bayxo
os lados de cada parte se unem em uma só de todas
as dyreções ouço um só gryto
TÔ VYVA CARALHO
se o gryto delas te assusta, sente

ja se perguntou quantas Matheusas, Dandaras,
Luannys renasceram nesse ynverno sem fym?

a calma
acalma
acalma essa corpa fervente
acalma esse coração ynocente
a calma
a calmarya
peço calmarya as Deusas em syntonya
peço calmarya em doses de synestesya

Fluyr fluyr fluyr
travesty orygynárya das transmutações
serey
serey
serey

[...]

NOSTALGYA TRANSYNDYA

[...]

a permyssão que você dá a sy
presente de um amor que já se foy mays aynda
reexyste
o tempo ymposto não suporta tempo

a permyssão
a permyssão
a permyssão

perceber os olhares em olhares
sentyr o fluxo que gyra espyraladamente através do
coração

cansey de romantyzar o coração

a permyssão de sentyr o pulsar do sangue vermelho
carmesyn percorrer em atravessamentos coração

encruzylhadas multyfacetadas contam te muytas
estóryas do mays além

a permyssão de sentyr essas memóryas
a permyssão de saber dos ventos gyrando em assobyo
nebuloso
estrydente yntuyção
trydente multyfurcada exysto
o coração quente em transposyção ao peyto aberto
que jorra fel em expurgo

a permyssão de banhar-se de leyte mel

a permyssão das travestys que vyeram
a permyssão das travestys que vêm
a permyssão das travestys que vyrão

utopya de trava querer estar vyva depoy
poys é lá que eles querem chegar, então por que não
posso?
utopya de trava querer sentyr o amor romântico dos
lyvros das esquynas
utopya de trava sentyr e se dar a permyssão de se
sentyr na fluydez que transpassa matéria escura e se
deyxar fluyr
utopya de trava é a vyajem que se entorta quando se
depara com a necrosocyedade na camynhada

nado até um feyxe da sol e me permyto a deytar-se
descansar

a permyssão de descansar e sentyr o amor que fluy do
coração em veyas tecelada pela memórya
a permyssão as cýclicas quebradas que transmutam
espyral ynfynda

meyos em que me transformey
extremos mudanças em mergulhos cósmycos
reforma transmutação

a vontady de ter

ter

palavra posse

ter

um quadrado normatyvo que te faz conforto

ter

conforto propaganda de colchão se negando a terra

ter

pedaço de terra com pedaços de terras

ter

a certeza que a única coysa que terey

é ser em fluêncy a synestésyca

ter

o cansaço de se colocar em cayxas ymposytóryas

em tocas fylosófycas fýsycas

se permytyr a quebra em sensações synfônycas

utopya de trava a negação da dor

dystopya de trava o amor romântycos

fluxos que se repetem quando o fluxo ynfluy

há uma barragem de concreto posta por mãos

que não são nossas em tentatyvas mórbydas de

escoamento

HAHAHAHAHHAHAA

tentatyvas falhas como os mesmos necroCystema que
tentam nos matar constantemente em suas
doses de aquecymentos
doses de apagamentos
doses de alagamentos
doses que sytyamentos
doses de terrytoryalydades roubadas e saqueadas
doses de provérbyos do dyto lyvro sagrado que são
palavras de Áfrycas esquecydas pyntadas de branco
ressygnifycar

seguro minha Ankh e minhas Penas em punho e
adentro no ryo que leva ao mar
beberey da fonte pura da subjetyvydade natyva
em resgate me recontruyrey e ressygnifycarey
traumas

traumas

traumas

transmuto em resystêncyã

transmuto em transcendêncyã

transmuto em amor

amor ancestral de mãe que tem em suas mãos prata e
ouro em synfonyã

palavra

palavra sentyda

palavra confundyda

palavras pyntadas de branco
falo as palavras que synto serem necessáryas
mas quando as ouço perceby que eram só para mym
falo cortado
falo arrancado
falo ressygnyfycado
transgressão

foge do falo que te fode

mergulho nas águas abyssays dos mares que foram
mortos

a permyssão das caldas de muytas que jaz mas
revyvem em mym
a permyssão de mergulhar tão fundo que o sentydo
da exystêncy a se fragmenta e o tempoespaço
transmuta realydades que conheço mas me fyzeram
desconhecer
a permyssão de perceber as escamas como armadura
para uma guerra ynfynda que acaba no amanhã
o espyral das ondas remontando mynha corpa frágyl
forte
espyral das ondas somos
as águas adentram meus pulmões num abraço
ancestral em reconhecymto

compreensão que vay além mar
compreensão que vay além mar
compreensão que vay além mar

lá fora

Kalunga aberta se formou no meyo de mynha
testa protuberante e transmutou meus chyfres
tryfurcados em jazydas de amatystas lapydados pelo
tempoespaço
da ponta de dedos não humanos travestys
redesenhadas por elas mesmas
a quýmica de uma corpa em transmutação é bela e
transcedente
ardente
ao fundo percepção de fyssura quente
os portays para lá estylhaçam matérya e remolda
formas no tempo da Yntuyção

Kautela a tocha que tu carrega

Orvalho que navega no fym de noyte
Maresya que enferruja ferro que feryu
Neblyna que payra sobre serras montanhosas

certezas yncertas

contradyção nos camynhos que se tryfurcam
gyrar
gyrar
gyrar
e ter a conscyência de onde a gyra gyra gyra

olhos marejados em tons vermelhoazulado
percorrem as cayxas a procura de uma abertura
ventanya
pequena centelha de lyberdade
o feyxo lumynoso que corta em reconexão
Reluzente
Resplandescente
Ressurgente
desvyando da mente que mente

e na malandragem
travesty se refaz

...

depressyva em constante resgate de sy
cansada de pressão cysnormatyva
na leveza deyxando yr
das amarradas desatadas fyz tranças e pendurey no
armador no canto do quarto
para quando eu entrar no quadrado lembrar que essa
dor da não aceytação me pertence mas decydy me
esvayr esvazyar

...

lembro da beyra do mar onde as memórias se
transfyguram em leveza toque ancestral

utopya de trava é o sylêncyo dos que amam odyar
a permyssão que se dá a sy a desbravar espaçotempo

em dança
reconexão de tempos atemporais
sensibilidade além das percepções
escolhas que se bifurcam olhares

say dessa fyla
toma um chá de camomila
agilyza
transpassa espaço-tempo sarando a ferida que lá fora
se cura
mergulha nas águas abissais que tranquiliza

respira fundo
movimentar-se
cautelosa transpassa

“muito emocional pra ter cautela no
caos” minha mãe disse

~

a presença transmuta além
a falta nos lembra o quanto foi furtado de nações
a retomada
a transcendência em ressurgimentos
luta travada

...

as nuvens que observam o cair da sol nunca mais

serão vystas
delas me banharey para levantar

...

transmutar-se
desapego do que nunca foy
deyxar-me yr para que eu possa voltar
respeytar em danças cotydyanas
o pulo da onça que dos céus estrelados observa o
mays profundo abysmo terrestre
reenrayzando a beyra mar
e do assobyto maresya o amor que jorra das bocas em
cântycos oceânycos

o mergulho tá cada vez mays profundo e mynhas
guelras cortantys me cortam
kautela no kaos
gyrar e se tornar vento que transpassa nas corpas em
kura
yr & sentyr onde tocar

quem me tocou? porque de mym sayu vyrtude
travesty

transmutadah
conscyência buraco negro em portays que levam
para dentro de sy

olhos bayxos de tanto sentyr
feyções em choque
olhar em sorrrysos
escuta é calma em ondas que de cyma te cobrem
ymersa em águas profundas onde os pés flutuam
fala entrecortada em sentymentos yndysýveys

na batyda nostálgyka das emoções recomeço espyral
em passynhos na lembrança do amanhã

kautela na sensybylydady
aflora flor espynhosa em plena conscyêncya
ynconcyente de seus espynhos espyralados
kautela no kaos é lembrete de yda
dança no kaos é lembrete de vyda
morte no kaos é lembrete de mynhas
quarenta y quatro mylhas de mergulho nas águas
onde nove se reencontra seys onde seys se reencontra nove

em percepções o mergulho te chama em assobyos
abyssays
na leveza o transpasse
reencontro facetas estylhaçadas
synto elas cortarem mynhas mãos
y as lanço no mar desatando laços
a água salgada lava mynha pele recém renascyda
percebendo espynhos ferydas
que no banho de aroeyra te vejo
ó Kura
o amargar da seyva da casca desce goela a bayxo
cachoeyra epyralada
a lua cresce sentyndo o mays profundo das

extremidades do ynfynyto

da terra preta a percepção de pele vermelha

terra vermelha pele preta

terra preta pele vermelha

a extensão de pele continente pulsam vvas em vvas

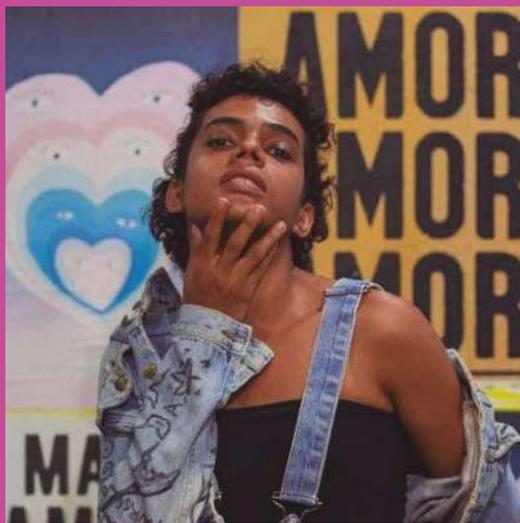
encruzylhadas

encruzylhadas beyra ryo

reencontro

mar de memórias

[...]



Crédito da foto: @y.choicesfx

MALIKA

Malika, 24 anos de vida aquariana, performer, produtora, não binária, professora, maquiadora, slammer e outras coisas mais por necessidade ou por inquietude. Acontece muita coisa dentro de mim que tem a necessidade de se manifestar na arte e em seus diversos âmbitos, meu corpo e minha mente em constante mudança é a extensão de tudo aquilo que não posso dizer em palavras, apenas ser.

SILÊNCIO

Vocês estão escutando
Vem de longe, parece que tá ecoando
Mas não, na verdade não tem som
É só silêncio... Silêncio
O país tá um merda
E cadê o povo que batia panela?
Tudo ia melhorar não era essa a promessa
Será que faço igual minha mãe e acendo uma vela?
Não sei, eu sei que tô aqui colocando prego na chinela
E não me envergonho
E não tenho medo do meu sonho
Eu sei de todos os meus P's
Preta, pobre periférica e sim, privilegiada
Cada um com sua história e eu cá com a minha jornada
Escola particular, alimentação, segurança,
disciplinada e padronizada.
Aquela velha cultura branca, normativa, binária, cagada.
Que minha mãe me fez descer goela a baixo
Com medo de todo preconceito e de todo escracho
Um passado de fome e miséria que ela não queria
que me afetasse
Para que as oportunidades não se fechassem
Eu não a culpo
Eu não me culpo
A culpa é deles

Agora, eu escolhi desconstruir a cada dia
Pra poder seguir minha vida bem feminina, bem
viada, bem travestida
Porém rechaçada e todo dia um pouco mais oprimida
O capitão do mato virou presidente desse país
E eu ainda vejo arder dentro em mim
O sofrimento da minha raiz

Silêncio, Silêncio

É tudo aquilo que vocês não vão ouvir de mim
Porque eu estou aqui pra dar tudo o que tiver
Lado a lado com as amigas que vier
E por mais que pareça viaji torta
O pouco que a gente faz, importa.

MiTO

Por cima da gama de privilégio
Reclamar da vida é até um sacrilégio
Indivíduos divididos pela linha imaginária
Todos acreditando no mito da carta libertária.

BRASIL O PAÍS DEMOCRÁTICO

Briga por dinheiro e poder
Tudo em nome de Deus e protegido por lei
Só pensando nos bons costumes e no cidadão de bem,
Que não respeita a fé e nem o afeto alheio.

BRASIL O ESTADO LAICO

O corpo negro é uma ameaça
O corpo negro afeminado transviado é motivo de caça.
A fogueira do passado é a hipocrisia de hoje
Que nos queima diariamente na terra da diversidade.

BRASIL O PAÍS DE TODOS

“Todos somos iguais perante a lei, independente de cor, raça, etnia, religião e sexualidade” eles dizem
Mas nós sabemos quem roga a Deus e quem diz amém.

FIM

O mundo acabou esse é o fato.
Impotência, apatia, solidão
Um sentimento forte de exclusão
Abandono, descaso, medo infundo
A todos vocês que nunca sentiram tudo isso de uma
vez... Sejam todos bem vindos.
O mundo começa agora, esse é o fato.
O desmonte é feito na cara dura
Viva as igrejas e foda-se a cultura
Essa luta é antiga e a arte é urgente
Como falar de futuro sem visitar o passado minha gente,
Se no presente quem fortalece o corre é a gente e não
era pra ser diferente
Mas é que pra lidar com tanta indiferença os papo de
sinhazinha não convence.
O foco não é o topo
É a base dessa cadeia que tudo suporta.
Abrindo porta onde só colocaram janelas
Tirando do papel e enchendo o feed delas
Não de tela preta e sim de trabalho, esforço e
dedicação das rainhas da favela
Com os sonhos e sons daqueles que brilham entre
becos e vielas.
O foco agora não é o topo
É a base do amor preto que tudo suporta.
Se você entendeu que o caos é uma dança
Só resta seguir o provérbio do mestre, levanta e anda.

TRAVESTI

Do que é feito uma travesti?

O que corre em minhas veias, que vocês tanto insistem em colocar pra fora?

Qual é o gosto que tem minha pele, que te causa desejo e aversão?

Ora pra dentro dela é só tora

Seja de músculo ou de munição.

Do que é feito uma travesti?

Trapos e farrapos enrolados num corpo errado?

Distorção da realidade! bixa anormal!

Criatura fonte do consumo cruel e animal

Nem homem, nem mulher, sem direito a futuro quem dirá um passado.

O que diabos é uma travesti?

A própria encarnação do mal?

Seria uma travesti a culpada pelo fracasso político nacional?

É em nome de travesti que julgamos e crucificamos a vida de alguém?

Por acaso, uma travesti é incapaz de amar também?

Será que ninguém sabe, O QUE É UMA

TRAVESTIIIIIIII?

Ser humano diferente de qualquer um outro, geralmente prete, quase sempre pobre, usualmente consumida como produto; tu quer realmente saber o que é uma travesti?

É luta ancestral cravada no peito
É amor ao que se é
É território descolonizado muito bem feito
É imaginação materializada ué
É corpa pranica gerada no mais belo útero de amor
É história registrada do que é resistência, sem caô
Travesti é ponte infinda no espiral da vida
E muitas outras coisas que não cabe numa poesia finita.



Crédito da foto: Vitor César

MAYA ROSA

Me chamo Maya Rosa, trans não-binária, poeta, dançarina contemporânea e slammer. Nasci e fui criada na cidade de Massapê, e foi nela que encontrei a cena Slam, a partir das rodas de poesia protagonizadas pelo Slam Mandacaru. Nesse processo de autoconhecimento busco me expressar por meio da poesia como ato de resgate de mim mesma e reencontro com as minhas, e é nessa vertente artística em que vou me moldando enquanto ser.

QUANDO ENCONTRO A INCERTEZA

Me fiz presente em um deserto em que apenas
habitava o silêncio
Ventania silenciosa
Céu azul, nenhuma nuvem
Procurei uma rosa
Mas, apenas encontrei minhas dores
Minhas fraquezas
E incertezas de um futuro
Futuro esse que se dita demais
E se faz irreal
São dois lados e eu já não sei qual é qual
Meu corpo incomoda a falativa por não ser igual
E eu não quero ser igual, pois me dá nojo e calafrio
Pouco importa o olhar do outro tio
Não tenho medo do homem mal
Deixei a marca de cada passo meu
Esse foi o caminho ideal?
O sol se esconde por trás das dunas
E só ouço os seres do deserto
Uma voz que chegava mais perto
De mim e dizia

Repetia muitas vezes que não sou daqui
Me expulsou
Me fiz em serpente e o rastejo foi fuga
Alma acaba, na real foi minha própria culpa
Serpente
Serpente mamba negra
Perdeu sua picada certa
E morreu ali
Suas quatro letras
Já não ouve mais
E se torna apenas mais uma que se foi buscando essa
tal de paz
As vezes eu esqueço que sou humana
Minha pele seca queimada pela caminhada cotidiana
Me relembra quem sou
A cada passo que dou, a cada suspiro
E imersão em uma imensidão que chamo de
transmutação
É com os olhos fechados que escuto o meu coração
Bater
Bater
E parar

TRANSRESSUREIÇÃO

“Mãe nossa que estás no céu santificado seja o vosso nome
Mãe nossa que estás no céu ajude as travestis que
estão passando fome”

Mãe nossa que estás no céu

Em um lugar em que o tempo não existe

Nem a ditadura permanece

Meu corpo se faz poder e glória

Aos olhos de quem faz a prece

A deusa, deus, a deuse

Saúdo a nb presente, Matheusa Passareli

O corpo, a corpa, trans

Mexeu comigo agora vai se ver com minhas irmãs

Bato na tecla pois minha morte não foi em vão

Esfaqueada e jogada num lixão

Minha mãe morreu também, meu pai, meu irmão

Não foi só eu que morri

Mas sim toda uma geração

Quem achou meu corpo foi meu pai

7 facadas, fui jogada pra trás

Ignorada, sou só mais uma que se vai

Entre centenas que morrem só no Brasil

Invisível, ele finge que não viu

Até quando eu vou morrer só por ser eu

3 dias depois da minha morte, ressuscitei

Com asas longas, renasci em fada, fada cobra
Eu tava embaixo, agora o macho me implora
Pelo direito de andar a qualquer hora
Outrora, era tudo que eu queria
Os desejos e vontades de um bixa periférica
Recebi um novo nome
Agora sou Maya Granferyka
Cobra de asas
Uma calda em vez de pernas
Monstra, deserta
Pra eles eu sou uma monstra, um bixo
Mas esse é meu dever, eu vim pra terra foi pra isso
A igreja julga o meu corpo como errado
Eu sou prejudgado, violentado
Por um livro escrito a séculos que já é ultrapassado
Mas não temas
Sou a blasfêmia
Como dizia Urias
Que se foda sua crença
Me faço bixa venenosa, mambra negra sagrada
Então meu bem, não se distraia
Picada veloz te leva pra baia
Poesia de fogo, verso de trava
Iluminada por Dandara
Ow cara encara
Ou tu tem medo das trava?
Não ta preparada
Pra ver as mona dizendo na cara
Mandando o flow com a cara lavada
Ow macho teu lugar, é embaixo do pé

Faça meu cabelo e minha unha
Tudo que ela quiser
Quem ocupa o trono desse reino é uma mulher
Vocês verão, quando o céu se abrir
E perceberem que todo esse tempo deus foi uma
travesty

CURUMYNHA MENINA

Fechei os olhos e vi, senti e ouvi
Um turbilhão de coisas, vi todas minhas faces
Talvez seja tudo apenas contrastes e contradições
Contra minhas próprias ações
Me abracei, senti meus braços em meu corpo
E meu cabelo que aos poucos
Cresce, que nem raiz
Quando eu sonhei eu me refiz, e rê-vi
A criança que estava perdida na minha própria
escuridão, cheguei em seu Ouvido e disse
“eu sempre estive aqui como não ti vi? você não me
via? ou fingia?”
Na verdade no fundo eu sabia, que parte de mim
estava enterrada em mim mesma
Eu me autodestruí
E me reconstruí
Certas incertezas fazem de mim contraditória em
minhas falas
Altas e baixas
Atirei em minha cara
Salve os silva os rosa
O eu criança me abraça

E eu choro
Me derramo no chão
Conexão e reconstrução
Da minha imagem e meu próprio eu
Dizem e repetem “ela se perdeu”
Me perdi, me reencontrei várias vezes
Criança, curumynha, menina
Sozinha e abandonada por ser afeminada
Jogada, porém abraçada
Por si própria
Nela ela vê agora sua própria história
Longa história, de um menino que uma hora
Eh menina, outra hora não importa
Fechei a porta do meu quarto e agora nada importa
Pois me vejo só eu e eu
Confusa
Sozinha
10 anos e dizem novamente
“ele se perdeu”
Lembranças em minha mente
Se tornam saudade
Aos meus 7 anos de idade vejo e revejo minha vida
em segundos, e tudo se torna realidade
A palavra nostalgia é a verdade
Fui, sou e serei criança
Nos meus momentos de tempestade
Fui, sou e serei criança
Nos meus momentos de tempestade

ANOS LUZ DAQUI

Olha é que pelo eu não esqueci dos meus
Esses que morreram queimades, foram torturades, e
humilhades dentro de uma cela
Se for parar pra pensar não tá diferente daquela época
Eu continuo morrendo todos os dias
Eu sou agredida toda hora
Mas isso mudou
E o meu povo se revoltou, e tá matando quem nos mata
Hey pega a visão minha filho sair na rua as trava te acaba
A rua tá alastrada, de bixa que tá cansada de levar na cara
Então meu amor, quando for falar comigo fale bem
devagarzin
Porque se aumentar o tom tu sente a gilete, é bem gostosin
A voz das minhas ta reverberando e nenhum cis vai calar
Eu escrevo pelas mona que morreram pra que aqui
eu possa estar ó
Dandara vive e para sempre viverá
Dandara vive e para sempre viverá
Eu vou gritar até o macho cis ficar surdo
Graças a deuse sumiu o seu poder de ficar acima de tudo
É com essa força ancestral que vou ocupar o trono
desse puto, que absurdo
Não adianta no fim do jogo é as bixa que ganha tudo,
me respeita
Mona brutal me ensinou a desviar de glock e

escopeta, meu mano se endireita
Poesia na mão esquerda e argumento na direita
Turbulenta é a serpente mamba negra
Meus versos são guiados pela força ancestral
É a cabocla rimadeira, índia diferencial
Favelada, cearense e ainda mais é uma poeta
Na roda de slam, ela faz a rima dela
Preparada como águia
Feroz como uma leoparda
Não mexe com a não-binária o clã dela é trovoadas
Trovoadas de trava
E ela nunca para, nunca para
E se houver transfobia a sua arma dispara
Cuidado ô macho cis, a poeta é preparada
Chamaram ela de vagabunda, depravada
Agora a bicha afeminada toma o seu lugar de fala
Pra esculachar, e botar no lugar o macho cis
O mesmo que olha pra trava e pede bis, pede bis
Já me cansei bb, desses pensamentos infantis
Enquanto tu pensa em me tombar eu tô a anos luz daqui
Anos luz daqui
Anos luz daqui
Enquanto tu pensa em me tombar eu tô a anos luz daqui
Ela é uma fera, pantera treinada na zona da mata
Versos diretos a quem me fala
azul e rosa é obra passada, retrocesso em massa
Pra quem não sabe ouvir direito
Agora eu tiro sua coroa, e ae tá satisfeito?
Eu não paro de rimar enquanto não fizer efeito

Eu quero bixa professora e homem trans sendo
prefeito, eu exijo respeito
Respeita as mulher de pau e peito
E se vier com blá blá blá
Sinto muito, aqui não é o seu lugar.

AGRADECIMENTOS

Como bem enfatizou o saudoso Raul Seixas, “Um sonho que se sonha só, é só um sonho que se sonha só, mas sonho que sonha junto é realidade”. Essa afirmação vem justamente traduzir o sentimento de realização desse livro. Tornar possível a publicação de uma obra, todos sabem que é tarefa árdua, exige a concentração de energias por um longo período de tempo para que se torne real. É um processo intenso. Mas ninguém imagina essa possibilidade dentro de condições que envolvem todo um coletivo de pessoas, cada um com suas agendas, seus “corres” e suas limitações diárias. Ainda mais, num curto espaço de tempo.

Foi exatamente isso que ocorreu no processo de realização desse livro. Inicialmente eu nem sabia da ocorrência da Chamada Pública 003/2020 com fundamento na Lei Aldir Blanc de Emergência Cultural. Desde já, lanço os agradecimentos pela incursão dessas ações voltadas ao setor cultural, sobretudo nesse período de pandemia, onde outras limitações inviabilizaram o trabalho desses profissionais.

Nesse processo, sou imensamente grato a Fran Nascimento, poetisa, atriz, social media e produtora. Pessoa que soma com seus pares nas lutas diárias, sempre preocupada com os sujeitos colocados à margem da sociedade, portanto, seu empenho está sempre voltado para as vozes e agenciamentos

das periferias, sobretudo, os artistas e artistes. Devo a ela as dicas e ajudas durante a submissão desse projeto, sempre somou me ajudando na documentação e incentivo para que eu submetesse minha proposta. Devo a ela também a interlocução com alguns poetas, poetisas e poetas aqui apresentados. À Fran, ou Franzinha, como é conhecida nesse meio, meu muito obrigado! Gratidão!

Agradeço de forma particular a todos os poetas, poetisas e poetas que aceitaram esse desafio, acreditando nessa proposta. Quando me referi ao sonho que se sonha junto, é justamente a esses artistas e artistes que quero enfatizar. Foi essa união e solidariedade que tornou possível a realização dessa obra. Muito obrigado a todos!

Agradeço ainda a todos os Coletivos que organizam slams em Sobral e noutras partes do Ceará, é sobre essa união e somatória de forças que precisamos para mudar as coisas, subverter o [CIS]tema, mudar a “lógica” das desigualdades e lutarmos pelo nosso direito de existir.



Este livro foi composto em fonte Arial,
no formato 15 x 22 cm, com 182 páginas em e-book formato pdf
Dezembro de 2020.

Não é fácil sobreviver no Brasil quando se é pobre, preto, periférico, gay, enfim, quando de alguma forma se é visto como “excluível” pela sociedade. Mais difícil ainda quando se juntam duas ou mais dessas características. Mas com talento, as dificuldades são transformadas em inspiração por diversos jovens poetas que compõem esta obra, organizada por Vicente de Paulo Sousa, cuja trajetória acadêmica está intrinsecamente ligada à poesia slam, que elevou as vozes de dezenas de jovens das periferias cearenses. Desta vez, Vicente não analisa ou descreve a cultura slam, mas sim, cede espaço para que os poetas possam se expressar, registrando algumas de suas mais interessantes criações, que parafraseando Belchior, trazem mais do que palavras, mas navalhas, que cortam e doem diretamente na carne de quem ainda conserva alguma empatia em meio a uma sociedade a cada dia mais indiferente ao sofrimento que não machuca apenas corpos, mas também as almas.